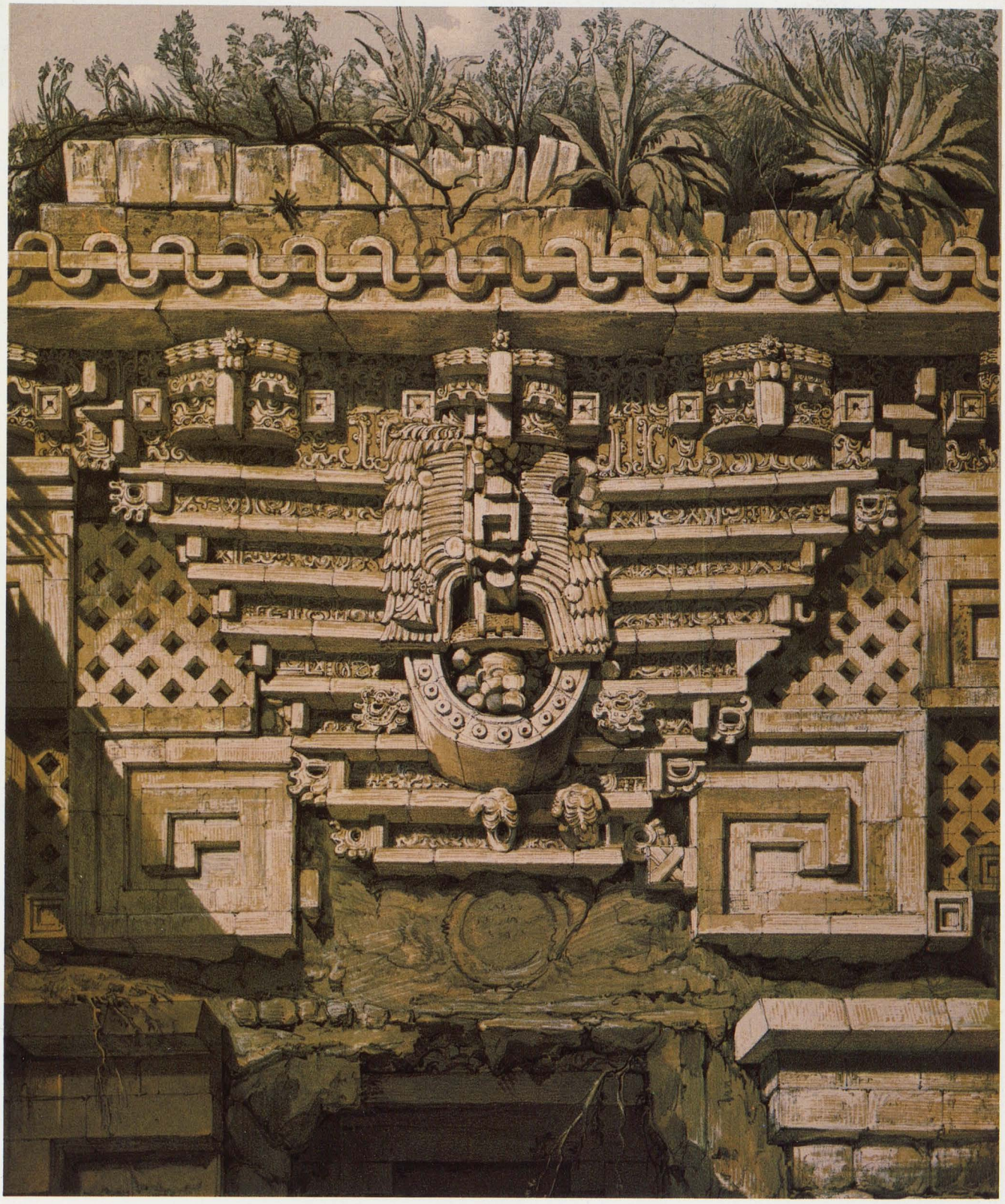
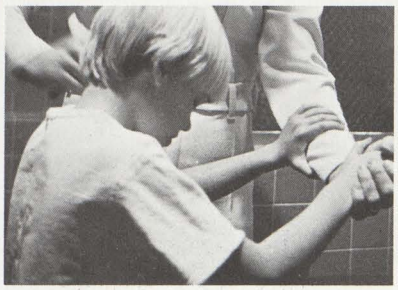
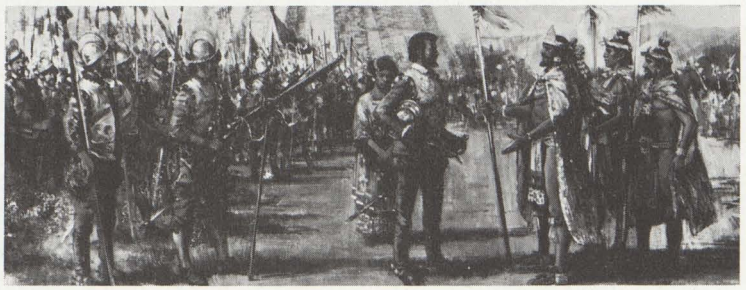
A Liahona 30/9 setembro 1977









A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Gordon B. Hinckley
Marvin J. Ashton
L. Tom Perry
Marion D. Hanks
James A. Cullimore
Robert D. Hales

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Editor Responsável
Maria Antonia Brown, Redatora
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout

A Liahona ●30/9 setembro 1977

HISTÓRIAS E ARTIGOS:

1 **MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: O LIVRO DE MÓRMON**
N. Eldon Tanner

5 **ELES COLIGIRAM LENDAS**
Franklin S. Harris III

DIÁRIO MÓRMON

9 **TRAGA-O, QUE EU O LEREI**
Marjorie A. McCormick

10 **O PODER DE UM LIVRO**
Linda L. Stayton

10 **E A BÍBLIA DAS AMÉRICAS?**
Judith T. Roiz

12 **A EDIFICAÇÃO DE SIÃO**
Élder Bruce R. McConkie

16 **PERGUNTAS E RESPOSTAS**
Allen E. Litster

25 **PREPARAR UMA LIÇÃO ARTISTICAMENTE**
Theo E. McKean

27 **USO DE OBJETIVOS NO ENSINO**
Élder Boyd K. Packer

30 **EM BUSCA DA TRILHA DE LÉHI: PARTE 3**
Lynn M. e Hope A. Hilton

SEÇÃO INFANTIL:

24 **AVES ESTRANHAS**
John Loveland

18 **O BATISMO DE CARLOS**
Eldon Linschoten

22 **O CÍRCULO DE FOGO**
Mabel Jones Gabbott

17 **SÓ PARA DIVERTIR**

NOTÍCIAS LOCAIS:

38 **ÉLDER TOM PERRY FALA AOS JOVENS EM SÃO PAULO**

38 **A IGREJA NO MUNDO**

39 **NOTÍCIAS DO TEMPLO**

39 **RAMO DE MOEMA INICIA CONSTRUÇÃO DA CAPELA**

40 **ESTACA SÃO PAULO LESTE ANUNCIA MODIFICAÇÕES**

40 **FIRMES MARCHAI! UM PRESENTE DE PÁSCOA**

41 **ESTACA SÃO PAULO SUL REALIZA XXV CONFERÊNCIA TRIMESTRAL**

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: *Cr$ 20,00;* para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 2,00; exemplar atrasado: Cr$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.

Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, Rua Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Peribebuí n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

GM
MR05.57
L694P
v.30
1977

Em minha opinião, o Livro de Mórmon é um dos mais profundos estudos do homem e sua natureza.

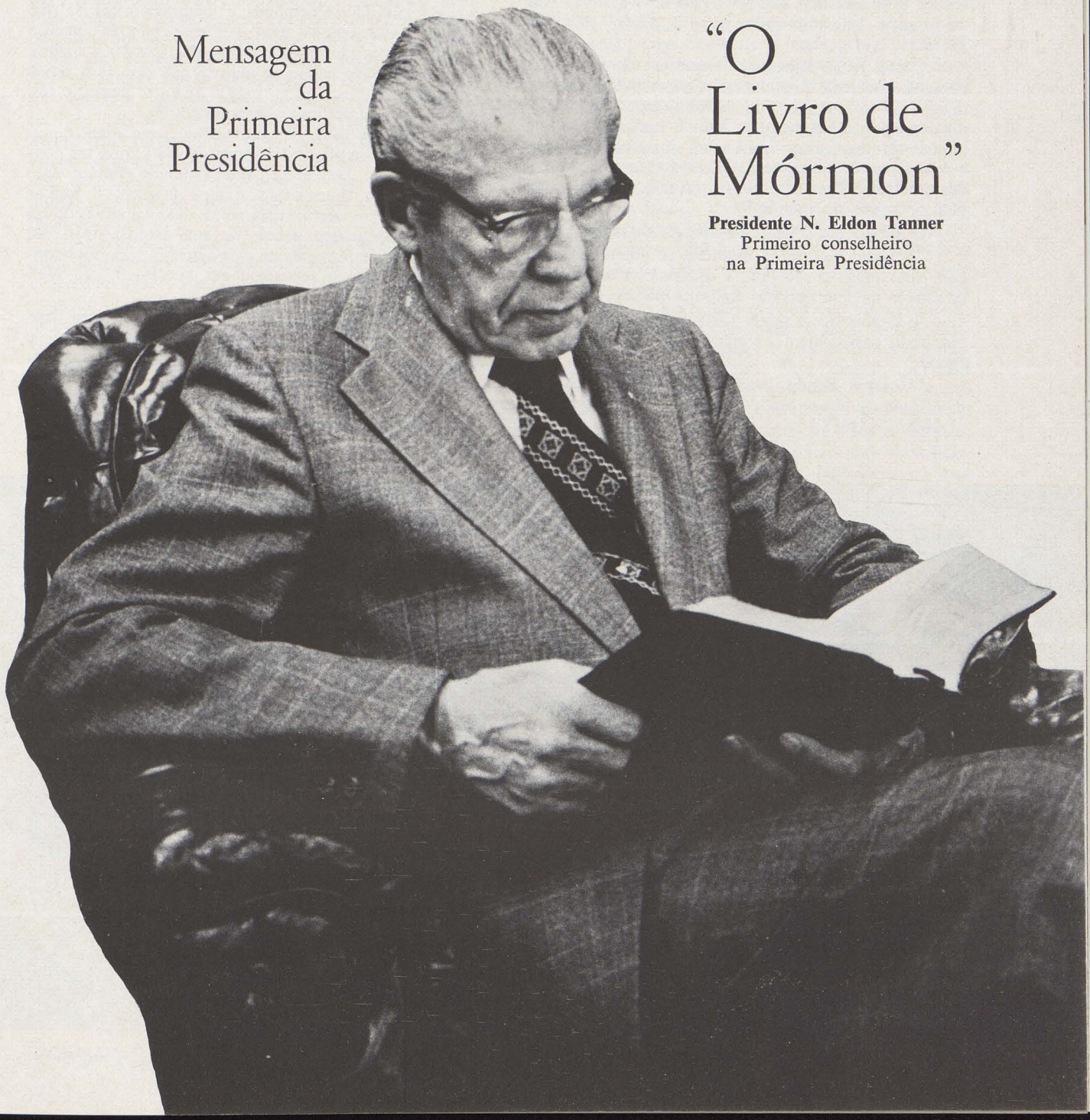
Nele estão retratados os dois extremos da natureza humana — de um lado, a pessoa de índole boa e espiritualmente elevada, e do outro os demoníacos, ímpios, cruéis e ávidos da luxúria do poder. Naturalmente existem os que se enquadram na área neutra, cinzenta entre os dois extremos; não obstante, o registro nefita se relaciona principalmente com aqueles que servem ao Senhor e recebem as ricas bênçãos e recompensas da retidão, e com aqueles que seguem o caminho do maligno e, como diz o Rei Benjamin: "bebem condenação para suas... almas". (Mosiah 3:18.)

Aceito plenamente a ênfase dada ao Livro de Mórmon como outra testemunha de que Jesus Cristo é o Redentor e Salvador da humanidade. Verdadeiramente, não existe maior testemunho de Cristo e de que ele foi crucificado e ressuscitou do que o relato de sua aparição neste hemisfério entre os descendentes de Pai Léhi, encontrado no Livro de Mórmon.

Mensagem da Primeira Presidência

"O Livro de Mórmon"

Presidente N. Eldon Tanner
Primeiro conselheiro
na Primeira Presidência



Nisso reside igualmente uma das verdadeiramente grandes lições que podemos aprender no Livro de Mórmon.

Na mente da multidão aglomerada nesta Terra Prometida, não podia restar qualquer dúvida de que aquele que lhes apareceu era o Senhor ressurreto. Sua aparição foi anunciada dos céus pela voz do Pai, que disse: "Eis aqui meu filho bem amado... no qual glorifiquei meu nome; a ele deveis ouvir." (3 Néfi 11:7.)

Além disso, o Senhor corroborou essa declaração com suas próprias palavras, quando disse ao estender as mãos: "Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelo profetas." (3 Néfi 11:10.)

Como prova adicional de que era de fato o Senhor, ele ordenou à multidão que se prostara diante dele: "Levantai-vos e vinde a mim, para que possais meter vossas mãos no meu lado e também tocar as marcas que os cravos fizeram em meus pés e minhas mãos, a fim de que possais saber que eu sou o Deus de Israel, e o Deus de toda a terra, e que fui morto pelos pecados do mundo."

O relato em 3 Néfi prossegue, dizendo:

"E aconteceu que a multidão se adiantou, tocou com suas mãos o seu lado e apalpou as marcas que os cravos haviam deixado em suas mãos e pés;...

'E depois de se terem todos aproximado e testemunhado pessoalmente, clamaram a uma só voz, dizendo:

"Hosana! Bendito seja o nome do Deus Altíssimo! E, lançando-se aos pés de Jesus, adoraram-no." (3 Néfi 11:14-17.)

Que ocasião mais gloriosa deve ter sido! A cena descrita é uma das mais sublimes de todos os escritos sagrados. Verdadeiramente, quanta felicidade a dos que se achavam naquela multidão que testemunhou a descida dos céus e a manifestação do Senhor ressurreto. É uma experiência jamais ultrapassada nos anais do relacionamento humano com a Deidade.

No entanto, é possível que nos sintamos tão encantados e espiritualmente elevados pela leitura desses poucos versículos, que talvez nos escape uma das mais importantes lições que caracteriza esse grande drama religioso.

A lição começa a revelar-se ao focalizarmos aquela multidão afortunada e lembrarmo-nos de que representava apenas uma pequena parcela quando comparada à enorme população das terras ao norte e ao sul. Onde estavam os outros? O que lhes havia acontecido? Quem eram esses a quem se permitiu testemunhar o grandioso acontecimento?

Lendo 3 Néfi, descobriremos quem eram aqueles bem-aventurados — o povo de Néfi "que foi poupado", e os lamanitas "que também tinham sido poupados" e "receberam muitos favores, e muitas bênçãos foram derramadas sobre suas cabeças, de tal forma, que, pouco depois de sua ascensão ao céu, Cristo verdadeiramente se manifestou a eles; mostrou-lhes seu corpo e ministrou em seu favor." (3 Néfi 10:18,19.)

A chave da lição está na repetição da frase "que tinham sido poupados". Quem eram estes, além de serem remanescentes dos nefitas e lamanitas? Eis a resposta:

"E foi a parte mais justa do povo a que se salvou; aqueles que receberam os profetas e não os ape-



drejaram. E os que não haviam derramado o sangue dos santos foram os que não morreram.

"Foram pois poupados e não foram tragados nem sepultados pela terra; não se afogaram nas profundidades do mar, nem foram incinerados pelo fogo, ou esmagados e não foram arrebatados pelo vendaval, nem foram sufocados pelo vapor de fumo e escuridão." (3 Néfi 10:12-13.)

É importante notar a mensagem do versículo seguinte:

"E, agora, todo aquele que ler, que entenda; e quem tiver as escrituras esquadrinhe-as, veja e observe se todas essas mortes e destruições causadas pelo fogo, fumo e tempestades, furacões e por rupturas da terra, que tragou os homens, sim, se todas essas coisas não foram feitas em cumprimento das profecias de muitos santos profetas." (3 Néfi 10:14.)

De fato, aqueles acontecimentos, por maiores e terríveis que fossem, haviam sido preditos repetidamente pelos profetas do Livro de Mórmon. Da descrição feita pela "palavra de Deus" das muitas cidades destruídas, pode-se concluir que a destruição atingiu os iníquos, salvando-se apenas a "parte mais justa do povo".

Assim conta o Livro de Mórmon. Se esta grande obra de escritura deve ser considerada como histórica, e acredito que o seja, ela é a história do surgimento e queda de grandes civilizações deste hemisfério ocidental. O povo atingiu seu ponto máximo de realizações e civilização, quando era justo e adorava ao Senhor, e regrediu chegando mesmo a ser destruído por guerras e cataclismos, quando se afastava da retidão.

Esta é a lição sobre a natureza humana a ser tirada do Livro de Mórmon. Ela era compreendida pelo Rei Benjamin que procurou transmiti-la ao povo. Em seu último sermão, dizia ele:

"Porque o homem natural é inimigo de Deus, tem-no sido desde a queda de Adão e sê-lo-á para sempre, a não ser que ceda ao influxo do Espírito Santo, despoje-se do homem natural, tornando-se santo pela expiação de Cristo, o Senhor, chegando a ser como criança, submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor e disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir, assim como uma criança se submete a seu pai." (Mosiah 3:19.)

Ao comparar o homem santo a uma criança submissa, o Rei Benjamin de forma alguma sugeria que fosse um fraco. Alguns dos grandes profetas, líderes e generais do Livro de Mórmon estavam entre os mais fiéis e dedicados adeptos do Senhor. Buscavam continuamente orientação divina e comungavam com o Senhor. Lemos que três gerações desses profetas justos tiveram o privilégio de ver o Senhor em visão, ou ouvir sua voz centenas de anos antes de seu nascimento no meridiano dos tempos — o Pai Léhi, seu filho Jacó, e o filho deste, Enos.

É Enos quem nos dá uma das valiosas lições a serem aprendidas no Livro de Mórmon — que, quando alguém que é justo e digno busca firmemente o Senhor, o encontrará. Ele escreveu:

"E relatar-vos-ei a luta que tive perante Deus, antes de receber o perdão de meus pecados.

"Eis que saí para caçar animais na floresta; e as palavras que freqüentemente havia ouvido de meu pai sobre a vida eterna e a alegria dos santos, penetraram profundamente em meu coração.

"E minha alma ficou faminta; ajoelhando-me ante o Criador, dirigi-lhe uma fervorosa oração, suplicando-lhe por minha própria alma; orei o dia inteiro e, até depois de ter anoitecido, continuei a elevar a minha voz, para que ela chegasse ao céu.

'E veio-me uma voz, dizendo: Enos, teus pecados te são perdoados e tu serás abençoado.

"E eu, Enos, sabia que Deus não mentiria; portanto, minha culpa foi apagada." (Enos 2-6.)

Não sabemos para quais pecados Enos buscava perdão; provavelmente o mais grave podia ter sido a dúvida. E fica-se imaginando qual teria sido a reação de Enos, se tivesse parado de orar antes de ser atendido pelo Senhor.

Enos estava dentro da terceira geração de profetas na família de Pai Léhi, o qual, seguindo o conselho do Senhor, tirou a família de Jerusalém e a trouxe por orientação divina para esta Terra Prometida. Mesmo a família imediata de Léhi havia-se dividido naqueles que buscavam servir o Senhor em retidão e os que sucumbiram às seduções de Satanás e se afastaram de Deus. A divisão tornou-se tão profunda que, pouco depois da morte de Léhi, a família e seguidores do justo Néfi tiveram que fugir para salvar a vida e radicar-se em outra região. Os que ficaram, liderados pelos ímpios Lamã e Lemuel, tornaram-se inimigos de Deus. Essa divisão persistiu durante a maior parte do período de mil anos coberto pelo Livro de Mórmon — dos tempos de Néfi até o Profeta Morôni ocultar as placas no Monte Cumora.

Os escritos de Enos nos ensinam mais uma lição a respeito da natureza do homem. Não se deve supor que Satanás desistirá de sua luta para conquistar pessoas para seus ímpios caminhos, e nem pensar que foi sempre fácil para os seguidores de Néfi serem fiéis. Enos, sobrinho de Néfi, diz o seguinte sobre o povo:

"E aconteceu que o povo de Néfi cultivou a terra e produziu toda espécie de grãos e frutos; criou rebanhos e manadas de toda espécie, cabras monteses e também muitos cavalos."

Notai a implicação de incipiente prosperidade entre os nefitas; e a seguir, este reparo de Enos:

"E houve muitos profetas entre nós, e o povo era obstinado e duro de compreensão.

'E não havia nada, exceto uma excessiva severidade, pregações e profecias de guerras, lutas e destruição, continuamente, lembrando-lhes a morte, a duração da eternidade, os julgamentos e poder de Deus, e todas essas coisas — incitando-os continuamente para mantê-los no temor do Mestre. E digo que somente estas coisas e grande clareza nas prédicas evitavam que se precipitassem rapidamente na destruição. E assim escrevo com referência a eles.

"E presenciei guerras entre os nefitas e lamanitas durante meus dias." (Enos 21-24.)

Já se estabelecia, assim, o modelo da história do Livro de Mórmon. Vemos que mesmo os inclinados

à retidão eram obstinados e tinham dificuldade em compreender os caminhos do Senhor. Isto se dava com maior freqüência quando os justos prosperavam e tornavam-se orgulhosos e auto-suficientes, esquecendo-se de onde provinham suas bênçãos.

Um exemplo típico disso deu-se na década que precedeu a vinda do Senhor ressurreto ao povo deste hemisfério ao qual me referi. Nos primeiros capítulos de 3 Néfi, lemos a respeito de lutas bem sucedidas dos nefitas contra os membros da sociedade secreta de Gadianton, mais conhecidos como os salteadores ou ladrões de Gadianton. O Senhor inspirou os líderes mais justos para que ganhassem as batalhas, e o resultado foi um notável arrependimento entre os nefitas.

Tendo derrotado seus inimigos, os nefitas regozijaram-se e clamaram a Deus para que os protegesse, e "romperam em cantos e louvores a seu Deus pelo grande benefício que lhes havia outorgado", e "seus corações estavam cheios de alegria, a ponto de derramarem muitas lágrimas em virtude da imensa bondade de Deus." (3 Néfi 4:31-33.)

O arrependimento deles era aparentemente sincero. Todos eles reconheceram que os profetas falavam a verdade. "E sabiam que era inevitável que Cristo tivesse vindo, à vista dos muitos sinais que haviam sido dados, segundo as palavras dos profetas... Por conseguinte, renegaram todos os seus pecados, suas abominações e libertinagens, servindo a Deus com toda diligência, dia e noite." (3 Néfi 5:2-3.)

Seu arrependimento era tal, que iam às prisões pregar o evangelho aos muitos salteadores que haviam capturado, e soltavam os que se arrependiam e se comprometiam a não mais matar.

Os nefitas retornaram às cidades de onde haviam sido expulsos pelo inimigo, reconstruindo algumas e reparando outras. Construíram muitas estradas que levavam de cidade a cidade, começando novamente a "prosperar e tornar-se fortes". Isto aconteceu aproximadamente vinte e cinco anos após o nascimento de Cristo. A escritura diz: "E não havia nada em toda a terra que os impedisse de prosperar constantemente, a não ser que caíssem em transgressões." (3 Néfi 6:4-5:)

Como já acontecera muitas vezes antes, eles não conseguiram resistir às tentações da prosperidade. As escrituras registram o que segue como tendo ocorrido apenas cinco anos antes do aparecimento do Senhor ressurreto entre eles:

"Entretanto, aconteceu que no ano vigésimo nono começaram a surgir disputas entre o povo; e alguns houve que se encheram de orgulho e ostentação, em virtude de suas imensas riquezas...

"E começou o povo a dividir-se em classes, segundo suas riquezas e oportunidades de instrução; sim, porque muitos eram ignorantes, por causa de sua pobreza, ao passo que outros recebiam muita instrução por causa de sua opulência." (3 Néfi 6:10-12.)

Em pouquíssimo tempo, alguns se encheram de orgulho, outros permaneceram humildes, trazendo ao país grande desigualdade. Isto provocou a dissolução da Igreja, "salvo entre alguns lamanitas que se haviam convertido à verdadeira fé." (3 Néfi 6:14.)

A seguir, é-nos contada em termos claros a causa dessa iniqüidade entre o povo. Era resultado "do grande poder que Satanás obtivera sobre ele, até o extremo de induzi-lo a se entregar a toda sorte de iniqüidades, enchendo-se de orgulho e tentando-os a buscar poder, autoridade, riqueza e as coisas vãs do mundo.

"E assim, Satanás desencaminhou os corações do povo, para que ele cometesse toda classe de iniqüidades; de modo que não houve paz senão por poucos anos." (3 Néfi 6:15-16.)

Talvez eu já tenha citado exemplos suficientes para nos darmos conta de algumas das grandes lições a serem aprendidas do Livro de Mórmon. Ele nos ensina que grandes bênçãos seguem os justos, que servem ao Senhor e procuram edificar o seu reino. Aprendemos que grandes cidades e civilizações se edificam sobre os princípios da retidão, e que são destruídas, quando o povo se entrega à iniqüidade. Aprendemos que o Senhor abençoa os indivíduos que procuram servi-lo, mesmo sendo perseguidos. Aprendemos que tornar-se inimigo de Deus é tendência inerente à natureza do homem, a menos que ele busque e obtenha o poder do Santo Espírito.

Aprendemos também que entre as causas da iniqüidade se contam o orgulho, opulência, domínio injusto, distinções de classe, egoísmo, ânsia de poder e coisas tais. É-nos demonstrado que os justos permanecem assim pela fé, pela constante comunicação com Deus, pela dedicação a seus líderes, sendo humildes e submissos ao pensamento e vontade do Senhor.

Entre as mais importantes lições que podemos aprender, tanto do Livro de Mórmon como de outras escrituras sagradas, está que, quando os profetas de Deus profetizam e predizem acontecimentos, eles realmente acontecem. Esses santos homens falam em nome do Santo de Israel, e testemunhamos as abundantes bênçãos derramadas sobre os justos segundo a profecia, e que total destruição atinge os iníquos.

Assim, pois, sabemos que o Senhor fala sério, seja quando faz promessas de grandes bênçãos ou ameaça com destruição.

Quando fortificados por esses conhecimentos provenientes da leitura e do estudo do Livro de Mórmon, podemos preparar-nos melhor para viver nos dias de hoje. As condições em que vivemos não diferem muito das enfrentadas pelo povo nefita. Somos afortunados em possuir o Livro de Mórmon, e duplamente bem-aventurados quando o lemos e estudamos conforme estamos fazendo agora em toda a Igreja. Essas bênçãos vêm quando aprendemos e aplicamos as grandes lições que nos podem ensinar seus escritos sagrados .São muitas. Citei apenas umas poucas, porém importantíssimas.

Externo meu carinho e gratidão pelo Livro de Mórmon e sua influência em minha vida e oro que seja um meio de ajudar-nos a fazermos jus a bênçãos e aprovação adicionais de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Eles Coligiram Lendas

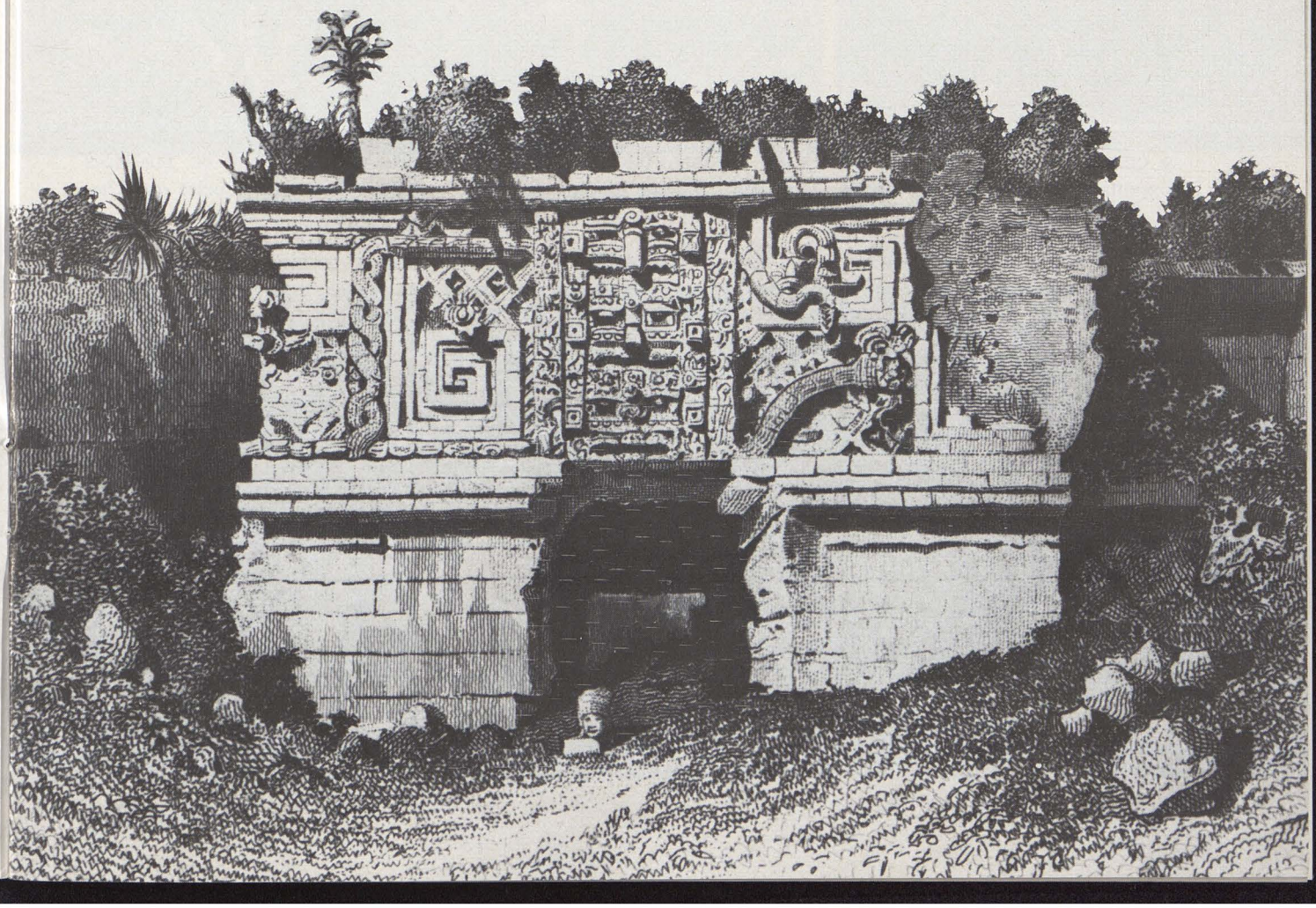
Franklin S. Harris III

Os sacerdotes espanhóis do século XVI reuniram uma impressionante coleção de histórias sobre a origem dos índios americanos.

Foi o explorador John Lloyd Stephens quem, em 1841, trouxe à luz pela primeira vez as maravilhas da antiga civilização maia em seu livro "Incidents of Travel in Central América, Chipas, and Yucatan." (Veja "John Lloyd Stephens e os Maias" de James S. Packer, na A Liahona de junho de 1977, p. 6). Quando Joseph Smith obteve uma cópia desse livro, seu entusiasmo não teve limites: "Dá-me grande alegria ver o mundo assistir ao aparecimento de tantas provas... Quem poderia sonhar que em doze anos se levantariam testemunhos tão insofismáveis do Livro de Mórmon?" (Times and Seasons, 15 de setembro de 1842, pp. 914-915.)

O que o Profeta aparentemente não sabia é que, três séculos antes, os espanhóis que chegaram ao Novo Mundo pesquisaram a resposta para o mistério dos índios americanos não no remanescente das antigas cidades mas na tradição dos aborígines. A avaliação dessas obras é extremamente interessante, especialmente se analisadas à luz do que o Livro de Mórmon ensina.

Os espanhóis encontraram um povo totalmente diferente no he-



misfério ocidental e, naturalmente, estavam curiosos sobre sua cultura, história e descendência. Diversos soldados e missionários católicos investigaram a antiga história americana examinando os códigos dos nativos e fazendo perguntas aos índios. Por mais de dois séculos os seus trabalhos permaneceram sem serem publicados, juntando poeira nos arquivos europeus. Não existia nenhum deles disponível em inglês na época da tradução do Livro de Mórmon e poucos foram publicados em espanhol.

O que foi que os espanhóis do século XVI aprenderam sobre as antigas tradições dos índios americanos? As fontes que merecem mais confiança, e aquelas que mergulharam mais profundamente no tempo que antecede a Conquista, contêm lendas que apontam uma terra além-mar como o lar dos progenitores dos povos do Novo Mundo.

Várias tradições pré-colombianas mencionam imigrantes que cruzaram o mar para chegarem a este continente. Até mesmo antes da Conquista, Montezuma levantou a questão da origem asteca e sua importância para o relacionamento com os espanhóis quando saudou Cortez pela primeira vez. Na segunda carta do conquistador para o rei Carlos V foram registradas as seguintes palavras de Montezuma: "Aprendemos de nossos ancestrais que... somos estrangeiros e que viemos de terras muito distantes. Sabemos que eles foram trazidos por um senhor a quem deviam obediência. Mais tarde esse senhor voltou para sua terra natal... Sempre acreditamos que os seus descendentes dominariam esta terra... Assim, em virtude de vocês dizerem que vêm da terra onde nasce o sol... e mencionarem esse grande senhor ou rei que os mandou aqui, acreditamos que ele seja o nosso verdadeiro senhor." (Hernan Cortes, Cartas y Documentos, México, Editorial Porrua, 1963, pág. 59.)

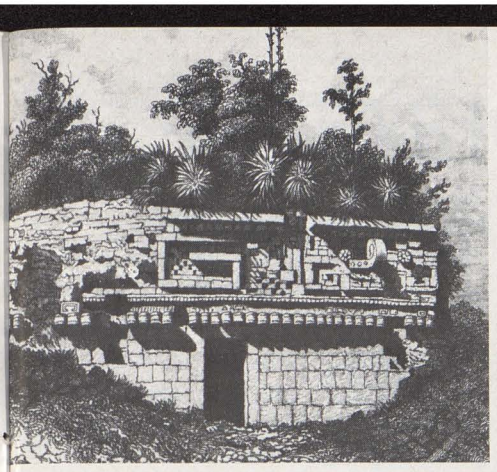
O testemunho de Montezuma foi corroborado por diversos frades católicos que por muitos anos reuniram material sobre o passado dos índios. Autores-missionários espanhóis como Landa, Duran, Sahagun, e Torquemada trabalharam diligente e desprendidamente, sem nenhum interesse de ganho próprio. Poucas pessoas na época tomaram conhecimento de seus trabalhos. A única obra publicada quando o autor ainda vivia foi **Monarquia Indiana,** de Juan de Torquemada (em 1615).

O frei Juan foi um monge franciscano que aprendeu a língua Totonac e começou a compilar informações sobre os nativos. Nos seus escritos ele se baseou principalmente em histórias mexicanas encontradas nos registros nativos, especialmente os documentos de Texcocan. A isso ele acrescentou testemunhos orais de primeira mão sobre dados reunidos por ele e referentes à descendência desses povos.

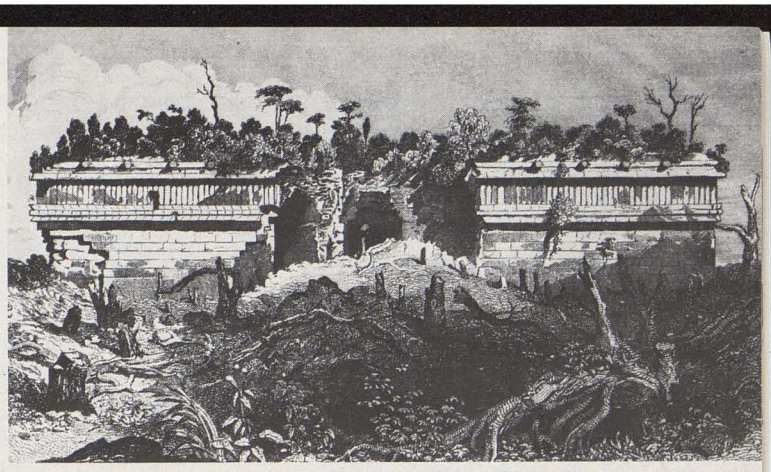
Um outro franciscano, Bernardino de Sahagun, devotou 60 anos de sua vida reunindo materiais sobre a cultura asteca, os quais ele organizou em 12 livros. Ele não somente aprendeu diversas línguas nativas como tinha também a colaboração de numerosos índios bastante versados no interpretar os antigos escritos.

Sahagun mencionou duas vezes povos que cruzaram os mares em navios, aportando no México. Um dos grupos foram os huastecas "Eles dizem que aqueles que che-

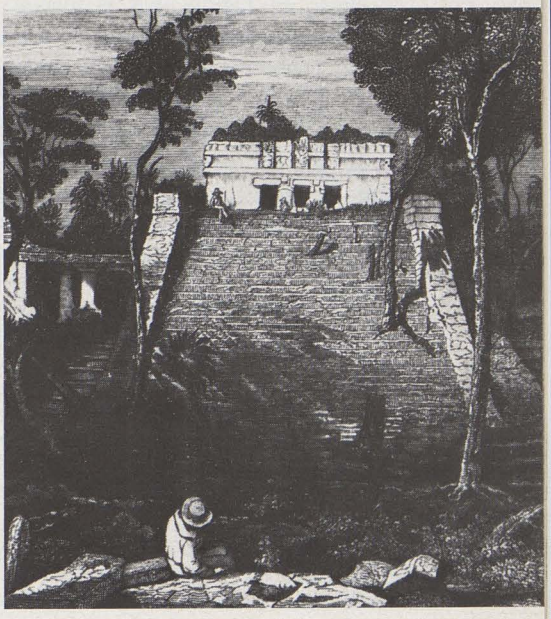












garam e... colonizaram a terra chamada México... vieram em navios; eles cruzaram o oceano." **(História General de las Cosas de Nueva España,** Frei Bernardino de Sahagun, Livro 10, tradução para o inglês de Arthur J. O. Anderson e Charles E. Dibble feita do **Código Florentino,** em Santa Fé, Novo México e patrocinada pela Escola de Pesquisas das Américas e pela Universidade de Utah, em 1961, p. 185.)

Outro relato é de um grupo chamado Mexica: "No passado distante... os que chegaram aqui primeiro... para governar esta terra... vieram pelo mar, em navios e (vieram) em diversos grupos separados." (Ibid. p. 190.) Os relatos de Torquemada e de Sahagun são semelhantes nos seus pontos básicos mas incluem detalhes diferentes. As três passagens mencionadas fornecem informação essencial sobre a vinda desses povos pelo mar.

O Frei Bernardino também faz menção de uma antiga raça branca na seção referente aos Totonacs:

"Todos os homens e mulheres são brancos e de boa aparência. **(História General de las Cosas de Nueva España,** Frei Bernardino de Sahagun, México, Editorial Porrua, 1956, vol. 3, p. 202.)

Informações adicionais sobre brancos pré-colombianos nos vêm da América do Sul. Perto de Tiahuanaco, na Bolívia, os índios Colla disseram a Cieza que existiu na área uma raça de homens barbados até que batalharam contra um dos dois senhores pré-incas daquela província: "Um deles entrou no lago Titicaca e achou, na maior das ilhas desse lago, homens brancos barbados com quem lutou até que matou a todos." **(Os Incas,** de Pedro de Cieza de Leon, traduzido para o inglês por Harriet de Onis, de Norman, Oklahoma, publicado pela University of Oklahoma, em 1959, p. 273.)

A uns 800 quilômetros para o noroeste, Cieza examinou as ruínas de um local chamado Huari, no Peru, concluindo que a civilização que as construiu não era inca. Perguntando aos índios locais quem as havia construído, responderam-lhe que fora o povo branco e barbado que viveu no local muitos anos antes dos incas. (Ibid. p. 123.)

Diego de Landa, que se tornou bispo de Yucatan em 1572, é lembrado especialmente por ter mandado queimar publicamente a biblioteca de livros maias. Ainda assim ele foi autor de um importante relato sobre esse povo, o qual incluía uma interessante tradição do Yucatan sobre os antepassados dos maias:

"Algumas das pessoas mais velhas do Yucatan dizem que ouviram de seus ancestrais que esta terra havia sido ocupada por uma raça de povos que veio do Leste, aos quais Deus havia resgatado abrindo as águas do mar. Se isso for verdade, segue-se necessariamente que todos os habitantes das Índias são descendentes dos judeus." **(Relacion de las Cosas de Yucatan,** de Landa, por Alfred M. Tozzer, Documentos do Museu Peabody de Arqueologia e Etnologia Americana da Universidade Harvard, Cambridge, Massachusetts, publicados pelo museu em 1941, vol. 18, pp. 16-17.)

Landa concluiu que se a história fosse correta os ancestrais dos maias eram judeus. Ele reconheceu a semelhança entre o relato dos maias e o êxodo israelita do Egito. Um outro frade que escreveu sobre paralelos entre os hebreus do Velho Testamento e os aborígines americanos foi Diego Duran. Ele tratou da remota e intrincada origem dos índios, descobrindo muitos paralelos entre as culturas hebraica e asteca, como poderemos ver abaixo:

As histórias da Criação e da Torre de Babel eram idênticas em ambas as culturas. (Astecas: **A História das Índias da Nova Espanha,** do Frei Diego Duran, traduzido para o inglês por Doris Heyden e Fernando Horcasitas, Nova York, impresso por Orion Press em 1966, pp. 4-5. Veja também Gen. 1, 11:1-9.)

Tanto os hebreus como os astecas se consideravam "o povo escolhido de Deus, tendo suportado rigorosas peregrinações pelo deserto até chegarem às terras prometidas — Canaã e o Vale do México." **(Livro dos Deuses e dos Rituais** e **O Antigo Calendário** do Frei Diego Duran, traduzido e editado por Doris Heyden e Fernando Horcasitas, em Norman, Oklahoma, publicado pela University of Oklahoma Press, em 1971, p. 25. Veja também Números 14: 33-34.)

Os astecas contaram uma lenda semelhante à história de Moisés conduzindo os filhos de Israel para a segurança:

"Os índios têm tradições a respeito de um grande homem que ... reuniu a multidão dos seus seguidores, persuadindo-os a fugir da perseguição para uma terra onde pudessem viver em paz... Ele chegou à praia e tocou as águas com um bastão que carregava. O mar abriu-se e ele e seus seguidores o atravessaram. Os inimigos vendo a abertura nas águas os perseguiram através dela mas as águas voltaram ao seu lugar e nunca mais se ouviu falar deles."

Duran escreveu sobre um outro episódio que transpirou durante as duas migrações:

'Quando estavam acampados em alguns montes ocorreu um terrível terremoto. A terra se abriu e engoliu certos homens malvados enchendo de medo outras pessoas. Escutando a descrição deste acontecimento, lembrei-me do Livro de Números, onde é narrado como a terra se abriu e engoliu Coré, Datã e Abirão.

Os astecas, como os hebreus, também diziam que lhes havia sido dado maná dos céus em sua peregrinação. (**Astecas,** Duran, p. 4. Veja também Gên. 14:1-30, Núm. 16:1-34, Êxodo 16:4-15.)

Os jovens astecas realizavam ritos no templo semelhantes àqueles dos levitas no Velho Testamento. Certas linhagens nas duas culturas possuiam ofícios sacerdotais. Os dois povos usavam alimentos como ofertas a Deus. O ritual hebreu de sacrificar pombas era idêntico ao ritual asteca de sacrificar codornas. Nos dois casos o sacerdote arrancava a cabeça do animal colocando-o diante do altar, aspergindo antes o sangue por volta. Os animais que os hebreus ofereciam deviam ser sem mácula. (**Deuses,** Duran, pp. 85, 104, 124, 131-33. Veja também Deut. 18:1-12; Núm. 15:1-24; Lev. 1:14-17, 22:19-20, Salmos 106:37-38.)

Estas e outras semelhanças tão comoventes, demasiadamente numerosas na mente de Duran para serem obra do acaso, levaram-no a acreditar que os astecas eram de origem israelita.

Sozinhas talvez essas tradições não sejam muito convincentes, mas, juntas, elas se transformam num caso a ser levado a sério, pintando-nos os quadros de uma viagem transoceânica do Oriente Médio até a América, na antigüidade.

Franklin S. Harris III possui o mestrado em História da América Latina, é piloto da American Airlines e serve como presidente da Escola Dominical da Ala Arlington, na Estaca Ft. Worth Texas.

DIÁRIO MÓRMON

"Traga-os que Eu os Lerei"

Marjorie A. McCormick

Certo dia, em maio de 1925, os homens da fundição em Londres estavam sentados em volta do forno de coque, mastigando seus sanduíches, quando um novo empregado, Jack H., se levantou dizendo:

— Em todos os meus anos no Canadá, nunca ouvi tantos palavrões e histórias sujas.

— Com que espécie de gente você trabalhava? — perguntou um deles.

— Principalmente mórmons, — replicou Jack. — E morei com uma velhinha que era mórmon, mas a igreja ficava tão longe, que nunca cheguei a ir a uma reunião, mas conheci a boa vida que eles levam. Eles não bebem, fumam ou blasfemam.

Meu marido comentou: — Eles seriam bons demais para viver!

Jack, porém, o desafiou a ler alguns folhetos que tinha em casa. Sempre pronto a aceitar um desafio, meu marido respondeu:

— Traga-os que eu os lerei.

No dia seguinte, Jack entregou-lhe cinco folhetos; um sobre os índios americanos, outro intitulado *Raios de Luz Vivente* e mais outro, *Uma Conversa Amigável.* Não me recordo mais do título dos restantes, mas quando ele os trouxe para casa, eu praticamente os devorei. E o mesmo fez meu marido.



Ambos tivéramos mães muito devotas. Fui criada na Igreja Anglicana, e meu marido como metodista primitivo. Mas ele havia freqüentado várias igrejas sem conseguir acreditar em nenhuma delas. Eu fora uma criança muito estranha aos olhos da maioria dos professores e clérigos. Ficava perguntando coisas que eles não sabiam responder. Parece mesmo que ambos estivéramos preparando-nos para o evangelho. Eu havia sido criada nos moldes da Palavra de Sabedoria, sem que minha mãe a conhecesse.

Jack e meu marido passaram seis meses vasculhando Londres todos os sábados à procura de uma igreja mórmon, sem resultado algum. Simplesmente não conseguiam achá-la. Então decidi tomar a iniciativa, pois estava ansiosa por ler o livro de Mórmon e descobrir a origem dos índios americanos. Sentei-me e escrevi para o único endereço que tínhamos, aquele que constava dos folhetos — Brigham H. Roberts, Ferndale Avenue, Toronto, Ontário, Canadá.

Depois de entregar a carta ao leiteiro para que a despachasse para mim no fim da rua, uma vez que chovia torrencialmente naquela manhã, subi ao andar de cima e me pus a arrumar as camas. Subitamente, fui tomada de uma sensação horrível, e pensei que agira mal. Então me ajoelhei junto à cama e orei como nunca havia feito antes. Pedi ao Senhor que me perdoasse, se eu errara escrevendo aquela carta; prometi-lhe, porém, que se recebesse uma resposta, saberia ter encontrado a igreja verdadeira e a ela me filiaria imediatamente.

Passados dois meses, recebi uma carta do secretário da missão em Toronto, dizendo que havia escrito ao Presidente Talmage, o qual poderia informar-me onde encontrar a igreja mais próxima para adquirir um Livro de Mórmon. Imaginem minha alegria! Quando meu marido chegou em casa, saí voando ao seu encontro, para dar-lhe as boas novas.

No dia seguinte, recebi uma carta maravilhosa do Presidente Talmage. Ainda guardo essa carta no meu livro de recordações. Naquele tempo, a igreja ficava no subúrbio ao norte de Londres, e vivíamos nos subúrbios a oeste; assim, era uma verdadeira viagem até a sede da Igreja em Tottenham, Londres.

Como o dia seguinte era um sábado, os dois homens saíram muito contentes logo cedo, rumo à Igreja. Quando entraram no prédio, meu marido fumando um cigarro e Jack cachimbo, o Irmão Andre K. Anastasion pediu-lhes que não fumassem ali por ser contrário à crença mórmon.

Meu marido trouxe dois exemplares do Livro de Mórmon, pois sabia muito bem que não teria oportunidade de pôr as mãos no livro depois que eu o pegasse. Conversaram com o Irmão Anastasion a respeito do evangelho, e ele lhes informou o horário das reuniões no domingo.

Eu me envolvi profundamente com o Livro de Mórmon, porque aconteceu uma coisa maravilhosa. Naquela noite, depois de pormos as crianças na cama, sentamo-nos um de cada lado da lareira, para ler. Eu não havia ainda terminado o primeiro capítulo, quando a sala se encheu de luz. Na verdade, eu me sentia como se estivesse cheia de luz também, não podendo continuar a leitura. Eu sabia que era o Espírito Santo, testificando-me a veracidade daquele livro maravilhoso.

Não faço idéia de quanto tempo aquilo durou: para mim, o tempo simplesmente parou. Finalmente a luz foi desmaiando, e eu peguei meu precioso livro e continuei a ler. É de admirar que nos batizamos depois de apenas três semanas?

O Poder de um Livro

Linda L. Stayton

Recentemente, numa reunião de testemunhos, ouvi um irmão perguntar:

— Se eu não tivesse nascido na Igreja, será que teria a convicção de filiar-me a ela?

Tive vontade de replicar:

— Teria sim! Sei que basta colocarem o Livro de Mórmon à nossa frente para que nos sintamos impelidos a abri-lo e começar a ler. Depois de lê-lo, as dúvidas começam a desaparecer, e nosso coração se enche de fé.

Meu marido e eu criamo-nos numa pequena cidade do Illinois. Fomos às mesmas escolas e freqüentávamos a mesma igreja protestante. Mas, mesmo como criança, eu em sentia infeliz na religião de meus pais. Muitas vezes, implorava-lhes que me deixassem em casa, e eles acediam. Eles não acreditavam no batismo de crianças, por isso nunca fui batizada. Eu ía à Escola Dominical e organizações para a juventudo só esporadicamente, e sempre me sentindo aborrecida.

Mais tarde, um namorado me convidou a freqüentar a sua igreja e eu acedi, chegando mesmo a ajudar nas aulas de religião durante o verão. Mas, quando conversei com o ministro deles a respeito de suas crenças, senti que também não era o que eu procurava. Muitas vezes, busquei o Senhor em oração, perguntando: — Por que não consigo sentir-me feliz em suas igrejas? O que há de errado em mim que não sinto o Espírito em tuas casas de adoração? Por que não sinto vontade de me batizar?

Eu não recebia nenhuma resposta, e a agonia do meu dilema às vezes parecia mais do que podia suportar. Sentia-me culpada por não abraçar de todo o coração uma das religiões cristãs.

Quando eu tinha dezenove anos, Mike e eu nos casamos. Foi nosso último contato com qualquer igreja até a chegada dos filhos. Reconhecendo que os pais são responsáveis pela educação religiosa dos filhos, comecei a levá-los a uma igreja da vizinhança, quando Chris tinha quatro e Crystal dois anos. As crianças sentiam-se satisfeitas, mas eu me achava uma intrusa. Para mim não havia amor nem calor ali, e estudando as crenças deles, voltei a sentir-me em dúvida se aquele seria o lugar certo para nossa família. Dois anos depois, deixamos de freqüentá-la. Quando as crianças perguntavam por que não íamos mais à igreja, eu não sabia o que responder.

Por sentir culpa, comecei a levá-las a outra igreja, mas achava impossível eu mesma entrar, por isso simplesmente as deixava na porta. Então, certo domingo de manhã, ao chegar lá de carro, fui tomada de tamanha sensação de estar agindo mal, que não as deixei saltar. Perguntei ao Senhor o que estava errado. Novamente fiquei sem resposta.

Durante todo o verão, levei as crianças para o campo aos domingos, para que apreciassem as belezas do mundo de nosso Pai, e ficávamos ouvindo hinos pelo rádio. Mas também não conseguia sentir-me satisfeita. Meu marido, embora menos religioso do que eu, concordou em levarmos as crianças à igreja onde nos casamos para serem batizadas, quando tirasse férias. Mas em vez de irmos para o Michigan nas férias, fomos ao oeste de Illinois. Lá visitamos Nauvoo, onde participamos de uma excursão pela cidade num carro dirigido por um jovem missionário. Seu amor ao evangelho transparecia em seu rosto e sua risada.

No Centro de Visitantes, preenchemos uma ficha solicitando a visita de missionários, e a recepcionista deu-nos um Livro de Mórmon com um testemunho especial impresso no interior da capa. Saímos de lá com uma sensação calorosa.

Esse livro maravilhoso atraía meus olhos, ali jogado no assento do carro. Finalmente o peguei e li até ficar muito escuro para enxergar. Depois daquele dia, não pude mais largá-lo. Estava sedenta do conhecimento que continha. Muitas vezes lia passagens para meu marido e nos maravilhávamos com as respostas que obtínhamos. Dentro de dois meses, eu havia lido o livro e acreditava em seus ensinamentos.

Estudamos o evangelho com os missionários, e pouco depois éramos batizados. Fui chamada a lecionar na Escola Dominical Júnior, o que acabou com minha confiança — não me considero com qualidades de professora ou líder. Mas, com o auxílio de meu Pai Celestial, recuperei a confiança e agora aprecio este chamado de verdade. Uma experiência toda especial ajudou a convencer-me de que o auxílio está sempre próximo.

Uma noite, depois de preparar minha aula para o domingo seguinte, eu me recolhi. Na manhã seguinte, despertei, sentindo que minha lição não estava completa. Sabia o que fazer, mas não encontrava nenhuma razão lógica por que aquele projeto seria essencial para a lição. Fui tomada de uma sensação calorosa, maravilhosa, quando o Espírito me segredou que aquela experiência me mostraria que o auxílio nunca está longe, ainda que não o tivesse pedido. Com a ajuda de auxílios especiais que confeccionei, a aula foi uma experiência muito gratificante no domingo seguinte.

Agora sei convictamente que somos cuidados e mesmo quando a vida às vezes parecia insuportável no passado, dou-me conta de que o Senhor nos vigiava e nos guiou para a sua verdadeira igreja no seu devido tempo. Temos sido muito felizes e agora devemos viver os princípios do evangelho, para podermos gozar novamente a presença do Senhor.

E a Bíblia das Américas?

Judith T. Roiz

Não sei exatamente quando cheguei à conclusão de que devia haver escritos religiosos dos antigos povos das Américas. Um dia, após anos de pesquisa religiosa, essa crença estava em mim.

Desde os tempos de infância, eu vinha freqüentando uma igreja protestante, mas na adolescência, rejeitei o conceito do que me pareceu um Deus odioso, vingativo, e embarquei num estudo próprio de cinco anos, baseado na Bíblia, para encontrar a verdade. Esse livro, achava eu, revelaria os princípios da verdadeira igreja.

Também tomei emprestados na biblioteca livros que achava poderiam fornecer-me respostas para minha intrigante dúvida: "Quais as qualidades físicas e espirituais da ver-

dadeira igreja?" Para mim representava um imenso quebra-cabeças, e toda resposta que eu encontrava era uma peça para a solução final. Era importante encontrar essas peças, pois tinha que reconhecer a verdadeira igreja quando a encontrasse. Conversei com pessoas interessadas em ciência, história, religião, e no sobrenatural.

Por alguma razão, o estudo de antigas civilizações me intrigava. As pirâmides do Egito e das Américas eram fascinantes. Como os maias haviam desenvolvido o calendário? Qual a origem dos incas? Colombo teria sido de fato o primeiro homem branco a chegar às Américas? Havia muitas evidências de um extenso intercâmbio entre o Velho e Novo Mundo.

Depois de ler antigos artigos de religião e história, concluí que a visita de Cristo à terra não ficara restrita ao povo judeu. E, por estranho que fosse, o povo que vivia na América antiga passou a me interessar mais. Gradualmente vim a crer que devia existir o que eu chamava de "Bíblia Sul-americana", por falta de denominação mais adequada.

Contudo, eu não conseguia encontrar grande coisa quanto a escritos antigos desses povos. Quando consquistaram os nativos da América, os espanhóis haviam destruído todas as suas grandes bibliotecas. Quão estranho, refleti, que os incas tenham recebido Cortez como o grande deus branco que viria do Oriente!

Lá pelos fins de minha pesquisa de cinco anos, depois de tudo o que havia lido, eu tinha uma lista bastante definida de alguns dos princípios da verdadeira igreja. Primeiro, devia ensinar que Deus, o Pai, é um Deus de amor; depois, o Espírito Santo tem que ser parte ativa da fé; a igreja deve ser capaz de curar enfermos e aflitos; crer na vida depois da morte; ter o dom de profecia; ter explicações lógicas para o livro do Apocalipse; crer nas Dez Tribos perdidas e estar esperando seu retorno; pregar que as verdades religiosas e científicas se complementam; acreditar na existência de vida em outros planetas. Havia ainda outros princípios que a verdadeira igreja esposaria, mas não vou enumerá-los todos.

Nessa altura, convencida de que muita verdade religiosa fora perdida na Bíblia conforme ela chegou até nós, decidi concentrar-me nas civilizações inca, maia e asteca. Tinha certeza de que ali estava a chave para a verdadeira religião, desde que conseguisse decifrar a linguagem. Por que até mesmo tentar onde haviam falhado eruditos durante séculos, eu não sei; ainda assim, comprei dois livros, um sobre línguas perdidas e outro a respeito de línguas antigas, e pus-me a estudar os hieróglifos egípcios. Acho que então o Senhor decidiu compadecer-se de mim.

À medida que estudava e anotava o que eu considerava as características da "verdadeira igreja", comecei a compartilhar esses conceitos com uma boa amiga minha. Quando eu lhe falava de um princípio que teria a "minha" igreja, ela costumava responder: "Ora, é o que os mórmons acreditam", ou "Isto parece doutrina mórmon". Não sei por que, mas em todas as minhas pesquisas, nunca havia entrado em contato com a religião mórmon. Então, depois de algumas semanas, perguntei se podia ler seu Doutrina & Convênios. Li o livro numa única noite e depois passei para o *Regras de Fé*, do Élder James E. Talmage. Então telefonei para a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e pedi que me mandassem os missionários.

O que me ensinaram não era novidade para mim. Eu viera a crer nessas coisas preceito sobre preceito no decorrer dos longos anos de pesquisa. Quando o líder de zona que me entrevistava para o batismo leu em 3 Néfi, capítulo 17, a bela passagem que conclui com Cristo abençoando as crianças, pude dizer com os olhos marejados e um nó na garganta: — Eu sabia, eu sabia! Eu sabia que Cristo esteve nas Américas!

Eu havia encontrado minha antiga Bíblia americana.



A Edificação de Sião

Élder Bruce R. McConkie

Somos gratos, além de qualquer medida de expressão, pelo excelente trabalho que está sendo feito na Igreja aqui na América do Sul. Estendemos nossos elogios aos nobres homens que servem como representantes regionais dos Doze, como presidentes de estaca, bispos e outros cargos de responsabilidade nas estacas e alas. Sentimos que está lançado o alicerce para grande progresso e desenvolvimento. Antevemos o dia em que a Igreja será uma influência muito substancial em todas estas importantes nações. É grandemente gratificante que hajam sido organizadas estacas de Sião aqui. Esperamos vê-las crescer em número e eficiência.

Vou falar da coligação de Israel e da edificação de Sião nos últimos dias. Como todos sabemos, o Senhor dispersou Israel entre todas as nações da terra, por terem-no abandonado e quebrado seus mandamentos. Conforme sabemos também, ele agora está reunindo as ovelhas perdidas de Israel e impondo-lhes o dever de edificar a sua Sião moderna.

Essa coligação de Israel e edificação de Sião nos últimos dias se dá por etapas. A primeira parte da obra que compreendia a concentração nos Estados Unidos e edificação de estacas de Sião na América do Norte, já foi realizada. Agora estamos cuidando da coligação de Israel dentro de várias nações do



mundo e do estabelecimento de estacas de Sião em regiões remotas da terra. Esta é a obra que se está fazendo agora em todas as nações da América do Sul e a respeito da qual vou falar.

Por boca de um antigo profeta e lábios de alguém que viveu há três mil anos atrás, o Senhor nos mandou uma mensagem. O homem santo da antigüidade que falou movido pelo Espírito Santo, pronunciou estas palavras: "Isto se escreverá para a geração futura; e o povo que se criar louvará ao Senhor." (Salmo 102:18.)

Nós somos esse povo, um povo que mais uma vez recebe revelações, um povo a quem Deus concedeu novamente a plenitude de seu evangelho eterno, em conseqüência do que louvamos seu santo nome para sempre.

A mensagem que recebemos é que o Senhor terá "piedade de Sião; pois o tempo de se compadecer dela, o tempo determinado, já chegou." A mensagem é que, quando "o Senhor edificar a Sião;, ele se manifestará em sua glória." (Salmo 102:13-16; tradução direta do inglês, devido à divergência da versão portuguesa da Bíblia. N. do T.)

Agora, se devidamente guiado pelo poder do Espírito — o que desejo piedosamente — falarei de que maneira o Senhor há de edificar Sião, da maneira como o Senhor está tendo piedade de Sião e da parte que nos compete no estabelecimento de Sião.

A Edificação de Sião

Conforme esclarece o relato inspirado, Sião será edificada — obterá a perfeição e glória que lhe cabe — quando o Senhor se manifestar em toda sua glória. Então ela se tornará como já foi. Isto se dará durante o Milênio, quando estiver completa a restauração de todas as coisas. Sião será aperfeiçoada depois da segunda vinda de Cristo.

Nesse interregno, porém, como agora, o Senhor nos incumbiu da responsabilidade de lançar o alicerce do que será. Fomos comissionados a preparar um povo para a segunda vinda do Filho do Homem. Fomos chamados a pregar o evangelho a toda nação, tribo, língua e povo. Fomos mandados levantar os fundamentos de Sião e aprontar todas as coisas para o retorno daquele que novamente coroará a Cidade Santa com sua presença e glória. Nosso convite aos homens de toda a parte é: "A Sião vem pois depressa, em seus muros paz gozar!" (Israel, Jesus Te Chama, **Hinos,** n.º 63.)

Definição de Sião

Bem, mas o que é Sião e onde será edificada? Em que terra se erguerão seus muros? Onde ficarão suas portas e torreões? Quem habitará dentro de seus portais? E que bênçãos recairão sobre seus moradores?

A escritura disse em verdade: "O Senhor ama as portas de Sião, mais do que todas as habitações de Jacó. Cousas gloriosas se dizem de ti, ó cidade de Deus... E de Sião se dirá: Este e aquele nasceram ali: e o mesmo Altíssimo a estabelecerá." (Salmo 87:2-3, 5.)

Sião tem sido estabelecida muitas vezes entre os homens, desde os dias de Adão até o presente, sempre que o Senhor teve um povo seu; sempre que existiram os que atendiam à sua voz e guardavam seus mandamentos; sempre que os seus santos o serviam com inteiro propósito de coração — tem havido uma Sião.

Nosso primeiro depoimento escriturístico referente a Sião é sobre Enoque e sua cidade. Esse profeta de fé e poder transcendentes viveu enquanto Pai Adão ainda habitava na mortalidade. Era uma época de iniqüidade e mal, uma época de trevas e rebeliões, uma época de guerra e desolação, uma época conducente à purificação da terra pela água.

Enoque, contudo, era fiel. Ele viu o Senhor e falou com ele face a face, como um homem fala com outro. O Senhor o mandou pregar arrependimento ao mundo, e comissionou-o a "batizar em nome do Pai e do Filho, que é cheio de graça e verdade, e do Espírito Santo, que dá testemunho do Pai e do Filho". Enoque fez convênios e reuniu uma congregação de verdadeiros crentes, os quais se tornaram todos tão fiéis, que "o Senhor veio e habitou com o seu povo, e eles viveram em retidão", e foram abençoados do alto. E "o Senhor chamou a seu povo Sião, porque era uno de coração e vontade, e vivia em justiça; e não havia pobres entre eles." (Moisés 7:16, 18.)

Notai, por favor: Sião é gente; Sião é os santos de Deus; Sião é aqueles que foram batizados; Sião é aqueles que receberam o Espírito Santo; Sião é os que guardam os mandamentos; Sião é os justos; ou em outras palavras, conforme diz nossa revelação: "Pois isto é Sião — o puro de coração." (DeC 97:21.)

A Cidade de Enoque

Depois de o Senhor ter chamado seu povo de Sião, diz a escritura que Enoque "edificou uma cidade que se chamou a Cidade da Santidade, ou Sião". Esta Sião "foi levada ao céu" onde "Deus a recebeu em seu próprio seio; e desde aí apareceu o ditado: Sião fugiu". (Moisés 7:69.)

Depois de o povo do Senhor ser transladado — pois foi o povo que foi levado aos céus, não tijolos, argamassa e pedra; porque no céu já existem moradas melhores do que o homem é capaz de construir na terra — depois que esses justos foram habitar além do véu, outros, sendo convertidos e desejando retidão, buscaram uma cidade que tivesse fundamento, cujo construtor e fundador fosse Deus, e eles também "foram levados pelos poderes do céu a Sião". (Moisés 7:27.)

Essa mesma Sião que foi levada aos céus retornará durante o Milênio, quando o Senhor trouxer novamente a Sião, e seus habitantes se unirão aos da Nova Jerusalém que então será estabelecida. (Moisés 7:4-69.)

A Coligação de Israel

Que muitas dessas verdades a respeito de Sião eram conhecidas e ensinadas na antiga Israel, fica claro pelas numerosas referências em Isaías, Salmos e outras partes. Isaías, particularmente, menciona as estacas de Sião que seriam estabelecidas nos dias da restauração.

Como se sabe, a antiga Israel foi dispersada entre todas as nações da terra por terem abandonado o Senhor e adorado falsos deuses. Como se sabe

igualmente, a coligação de Israel consiste em receber a verdade, obter de novo um genuino conhecimento do Redentor e voltar ao verdadeiro aprisco do Bom Pastor. Na linguagem do Livro de Mórmon, consiste na "restauração à verdadeira igreja e rebanho de Deus", e depois sermos "juntados" e "estabelecidos" nas diversas "terras da promissão". (Vide 2 Néfi 9:2.)

A coligação de Israel realiza duas coisas: Primeiro, os que assim escolhem Cristo como seu Pastor; os que tomam sobre si o seu nome nas águas do batismo; os que procuram usufruir de seu Espírito aqui e agora, e serem herdeiros de vida eterna no além — essa gente precisa ser congregada, reunida, para que se fortaleçam mutuamente e ajudem-se a aperfeiçoar sua vida.

E segundo, os que buscam as mais altas recompensas na eternidade, precisam estar onde possam receber as bênçãos da casa do Senhor, tanto para si próprios como para seus antepassados em Israel que morreram sem conhecimento do Evangelho, mas tê-lo-iam aceito de todo o coração, se houvesse oportunidade.

Nos primórdios desta dispensação, isto significava, evidentemente, afluir ao monte da casa do Senhor nos altos das montanhas da América do Norte. Só ali existiam congregações suficientemente fortes, para os santos se fortalecerem reciprocamente. Só ali estavam os templos do Altíssimo onde é realizada a plenitude das ordenanças de exaltação.

A Igreja no Mundo Todo

Entretanto, pela providência daquele que sabe todas as coisas; pela providência daquele que dispersou Israel e agora está reunindo novamente esse povo favorecido; chegou o dia em que a Igreja de Cristo se está estendendo até os confins da terra. Nós não estamos estabelecidos em todas as nações, mas certamente estaremos antes da segunda vinda do Filho do Homem.

Conforme diz o Livro de Mórmon, nos últimos dias os "santos de Deus" serão encontrados "sobre toda a face da terra". E também: "Os santos da Igreja do Cordeiro e... o povo do convênio do Senhor" — espalhados como estão "sobre a face da terra" — serão "armados com a justiça e o poder de Deus em grande glória". (Vide 1 Néfi 14:12-14.)

Nós estamos vivendo um novo dia. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias está-se tornando rapidamente uma igreja mundial. As congregações de santos são agora, ou logo estarão, suficientemente fortes para apoiar e suster seus membros independentemente onde residam. Estão sendo construídos templos onde quer que a necessidade o justifique. Podemos prever a construção de muitos templos na América do Sul no decorrer do tempo.

As Estacas de Sião

Estacas de Sião estão igualmente sendo organizadas nos confins da terra.

Com referência a este ponto, ponderemos estas verdades: Uma estaca de Sião é parte de Sião. Não podeis criar uma estaca de Sião sem criar uma parte de Sião. Sião é o puro de coração; nós adquirimos pureza de coração pelo batismo e pela obediência.

A estaca tem limites geográficos. Criar uma estaca é como fundar uma Cidade Santificada. Toda estaca na terra é o local de coligação para as ovelhas perdidas de Israel que vivem em sua jurisdição. O lugar de coligação para os peruanos é nas estacas de Sião no Peru, ou nos locais que logo se tornarão estacas.

O lugar de coligação dos chilenos é o Chile; dos bolivianos é a Bolívia; dos coreanos é a Coréia; e assim continua por todas as latitudes e longitudes da terra. A Israel dispersa em cada nação é chamada a reunir-se ao rebanho de Cristo, às estacas de Sião, conforme estão estabelecidas em sua nação.

Isaías profetizou que o Senhor fará "Jacó... [lançar] raízes, e florescerá e brotará Israel, e encherão de fruto a face do mundo". O Senhor prometeu: "Vós, ó filhos de Israel, sereis colhidos um a um." (Isaías 27:6, 12.)

Isso quer dizer — Israel será juntado um a um, família por família até que estacas de Sião sejam estabelecidas em todas as partes da terra, de modo que a terra inteira seja abençoada com os frutos do evangelho.



Eis pois o conselho das Autoridades Gerais: Edificai Sião, mas fazei-o onde Deus vos deu nascimento e nacionalidade. Edificai-a onde ele vos deu cidadania, família e amigos. Sião está aqui na América do Sul, e os santos que compõem esta parte de Sião são e devem ser uma crescente influência para o bem em todos esses países.

E sabei disto: Deus abençoará a nação que conduzir seus negócios de modo que promova a obra.

Sião nos Últimos Dias

A obra do Senhor inclui a edificação de Sião nos últimos dias. Ele nos comissionou para fazer esse trabalho em seu lugar. Os alicerces de Sião já foram assentados na América do Norte, América do Sul, Europa, Ásia, no Pacífico Sul e em todo lugar em que existam estacas de Sião. Mas Sião ainda não está aperfeiçoada seja qual for o lugar. Quando estiver, então acontecerá como na Sião de antigamente — O Senhor virá e habitará com seu povo.

Nossa décima Regra de Fé diz: "Cremos na coligação literal de Israel". Essa coligação ocorre quando as ovelhas perdidas vêm para a Igreja. Ocorre quando seus pecados são lavados nas águas do batismo, tornando-as mais uma vez puras de coração; e Sião é o puro de coração.

Nossa Regra de Fé diz: "Cremos na restauração das Dez Tribos". Isto se dará futuramente. Acontecerá quando o Senhor trouxer de volta Sião, de acordo com o postulado.

Nossa Regra de Fé diz: "Sião (a Nova Jerusalém) será construída neste continente, o americano." Isto também é futuro e acontecerá depois de o povo do Senhor ter adquirido força, influência e poder em todas as nações nas quais foi dispersado.

Nossa Regra de Fé diz "que Cristo reinará pessoalmente sobre a terra; e que a mesma será renovada e receberá a sua glória paradisíaca." Isto também é futuro, um dia que buscamos e desejamos piedosamente. (Vide 10.ª Regra de Fé.)

Edificar Sião

Cada um de nós pode edificar Sião em sua própria vida, sendo puro de coração. E a promessa é: "Bem-aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus." (Mateus 5:8.) Cada um de nós pode estender os limites de Sião, levando seus amigos e vizinhos para o aprisco de Israel.

Essas coisas das quais falamos são parte de um grande plano e programa do Senhor. Ele conhecia o fim desde o princípio. Ordenou e estabeleceu o sistema que se encontra operando agora. Ele dispersou seu povo eleito por todas as nações da terra. E, por sua bondade e graça hoje em dia; pela abertura dos céus; pelo ministério de santos anjos enviados de sua presença; por sua própria voz falando do céu; pelo derramamento do Espírito Santo; por todos esses meios — ele mais uma vez restaurou a plenitude do seu evangelho eterno. Ele nos chamou das trevas para a maravilhosa luz de Cristo; ordenou-nos a edificar novamente Sião; mandou-nos vencer o mundo; mandou-nos abandonar todas as coisas más. Ele nos tornou seus agentes e representantes. Ele nos comissionou a sair e procurar as ovelhas perdidas de Israel. Quer que as convidemos a se juntarem à verdadeira igreja e aos santos de Deus.

Testemunho

Esta é uma obra de grande magnitude e importância. Não existe igual no mundo inteiro. O evangelho do Senhor Jesus Cristo é a coisa mais grandiosa nos céus ou na terra. Regozijamo-nos nas verdades gloriosas dos céus que temos recebido. Louvamos o Senhor por sua bondade e graça. E em nosso íntimo conhecemos a veracidade e divindade dessas coisas.

Por revelações do Santo Espírito à minha alma, eu sei que essa obra em que estamos engajados é verdadeira. Vejo nela a mão do Senhor. Sei que teremos êxito em nosso trabalho. Dia virá em que o conhecimento de Deus cobrirá a terra como as águas cobrem o mar. Nós somos o povo mais abençoado e favorecido da terra. Que Deus nos conceda sabedoria, Deus nos conceda fervor e devoção, Deus nos conceda zelo e bom senso, para prosseguir em sua obra, vivendo nós próprios o evangelho e salvando nossa própria alma, e oferecendo esses gloriosos princípios de salvação a seus outros filhos. Esta é a obra do Senhor. Ela é verdadeira, e eu o testifico em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.



Perguntas E Respostas



ALLEN E. LITSTER,
administrador de línguas estabelecidas,
Serviços de Distribuição e Tradução da Igreja

Para quantos idiomas foi traduzido o Livro de Mórmon, e quantos exemplares dele foram distribuídos desde sua primeira impressão?

— Desde a edição dos primeiros cinco mil exemplares em Palmyra, Nova York, na primavera de 1830, o Livro de Mórmon foi publicado em vinte e sete idiomas. Embora esteja atualmente esgotado no alfabeto Deseret, em galês, havaiano, turco, checo e armênio, continua disponível em inglês, dinamarquês, alemão, francês, italiano, espanhol, sueco, maori, holandês, samoano, taitiano, japonês, português, tongano, norueguês, finlandês, rarotongano, chinês, coreano, afrikaan, tai e indonésio, bem como em **braille.**

Embora o Livro de Mórmon esteja longe de ser o mais difundido no mundo, sua distribuição é impressiva. Desde 1830, foram impressos uns dezoito milhões de exemplares em todo o mundo, pela A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Tem sido publicado também pela Igreja Reorganizada. Somente em 1976, aproximadamente um milhão de exemplares do registro sagrado foram editados em vinte e dois idiomas.

Em comparação, a Bíblia ou seleções da mesma foram impressas em mais de mil quinhentos e cinqüenta idiomas. Em 1975, foram distribuídos mundialmente mais de seis milhões de exemplares da Bíblia completa, além de uns trezentos milhões de exemplares de parte da mesma.

As classificações e estimativas variam, mas existem aproximadamente três mil e quinhentos idiomas falados no mundo atualmente. Cerca de cento e quatorze dessas línguas são faladas por mais de um milhão de pessoas, cada uma. Os vinte e dois idiomas em que o Livro de Mórmon existe hoje, atendem a cerca de quarenta por cento da população do mundo.

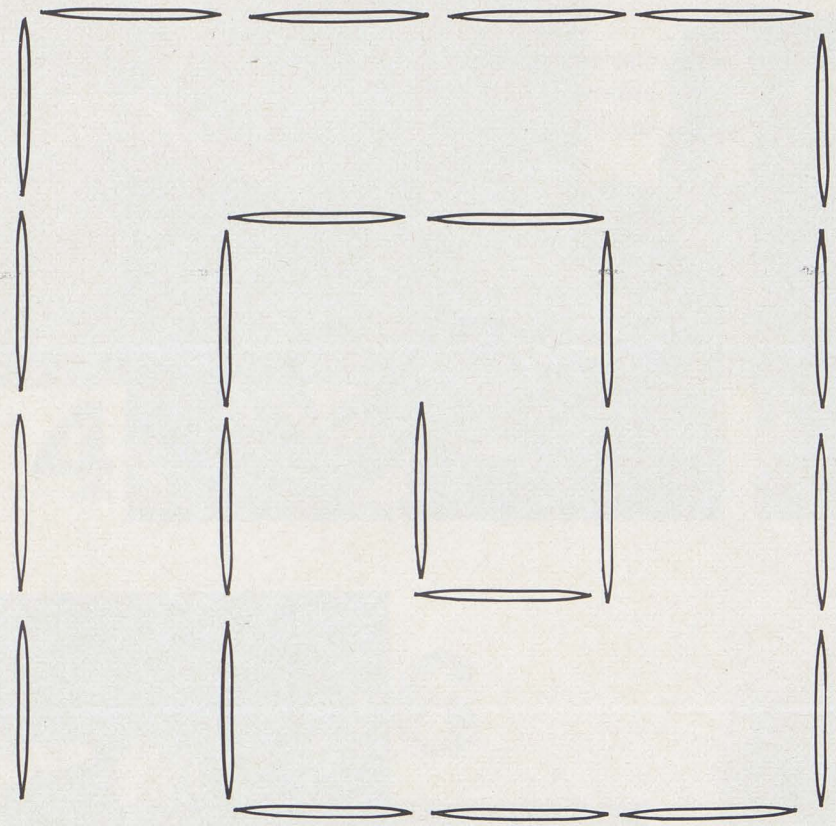
Traduzir o Livro de Mórmon é uma tarefa enorme que requer literalmente anos de paciente e piedoso esforço. Sua tradução requer não só preciso entendimento doutrinário e domínio tanto do inglês quanto do idioma visado, como enfrentar certos problemas lingüísticos singulares. Por exemplo, enquanto no inglês e muitos outros idiomas, os verbos são usados na forma singular ou plural, diversas línguas possuem a forma singular, dual e plural. Quando o tradutor chega a uma declaração como: "E aconteceu que, quando eu, Néfi, assim lhes falei, eles zangaram-se comigo." (1 Néfi 7:16), terá que determinar se Néfi se referia a somente dois de seus irmãos ou a mais que dois. Em certos idiomas, não existe equivalente para "irmão", tendo que ser expresso como "irmão mais novo" ou irmão mais velho". O tradutor, pois, terá que decidir de alguma forma se vai referir-se ao irmão de Jared como mais novo ou mais velho que ele. Costumamos interpretar a expressão "às vezes", conforme aparece em DeC 121:43, como de "tempos em tempos", mas uma verificação cuidadosa revelará que na época de Joseph Smith, o termo significava "imediatamente". Estes são apenas três simples exemplos de por que leva tempo traduzir o Livro de Mórmon e outras escrituras, e por que os tradutores e revisores precisam ser bem guiados pelo Espírito.

Nem todas as edições do Livro de Mórmon foram inicialmente traduzidas por tradutores oficiais da Igreja. Em diversos casos, membros da Igreja sentiram-se fortemente impelidos a tornar o Livro de Mórmon disponível em seu idioma nativo, passando vários anos a traduzi-lo para depois oferecer o manuscrito abnegadamente à Igreja, para qualquer proveito que tivesse.

Em alguns poucos casos, a tradução foi feita por não-membros, mas que foram inspirados e orientados pelo Senhor na execução do trabalho. Por exemplo, a tradução do Livro de Mórmon para o afrikaan foi feito por um senhor, altamente qualificado e recomendado pelos líderes locais. Ele contou que, quando encontrava dificuldade em alguma passagem, consultava o Livro de Mórmon cuidadosamente em outras línguas. Se isso falhasse, não produzindo algo que sentisse ser certo, seu único recurso era ajoelhar-se e perguntar ao Senhor o que a tal passagem queria dizer em sua língua. E nunca foi desapontado.

As pessoas costumam perguntar-nos para qual "novo idioma" estamos traduzindo o Livro de Mórmon, ou qual será a próxima língua. Tais anúncios são uma prerrogativa da Primeira Presidência e do Quorum dos Doze, e serão feitos no devido tempo e local. Mas uma coisa é certa: O Livro de Mórmon "contém... a plenitude do evangelho de Jesus Cristo" (DeC 20:9); "os élderes, sacerdotes e mestres desta igreja deverão ensinar os princípios do meu evangelho que estão... no Livro de Mórmon" (DeC 42:12); e nos últimos dias, "todo homem ouvirá a plenitude do evangelho na sua própria língua, e no seu próprio idioma" (DeC 90:11.) No devido tempo do Senhor e à sua própria maneira, ele providenciará o cumprimento dessas promessas aos povos de todas as línguas e todos os idiomas.

Milhões de pessoas em dezenas de países têm lido o Livro de Mórmon em muitos idiomas, e recebido poderoso testemunho de que ele é autêntico. Toda pessoa que lê e indaga com seriedade, poderá receber igual testemunho.



Só Para Divertir

TRUQUE COM PALITOS

Dê a cada pessoa da família vinte e quatro palitos, arrumando-os conforme mostra o desenho. Depois, veja quem consegue fazer primeiro três quadrados, movendo apenas **quatro** palitos. Depois de haver descoberto o truque, experimente-o com seus amigos. A solução encontra-se na página 24.

Violet M. Roberts

QUE FAMÍLIA!

Na Família Silva, cada filha tem o mesmo número de irmãos e irmãs, e cada filho tem o dobro de irmãs que de irmãos. Quantos filhos e filhas tem a família?

Quatro filhas e três filhos.

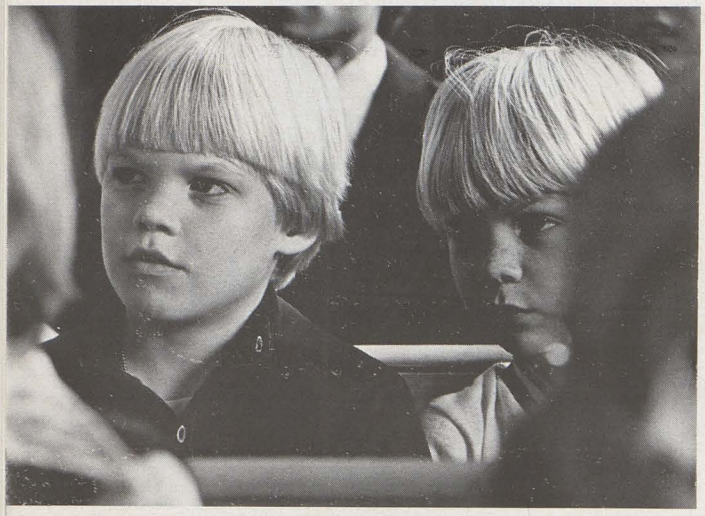
QUAL A COR DO URSO?

Um caçador armou acampamento. Saindo do acampamento, andou 10 Km para o sul, depois 10 Km para oeste. Ali encontrou um urso que matou com um tiro. Arrastou o urso 10 Km, até o acampamento. Qual era a cor do urso?

Era um urso polar branco, porque o caçador acampou no polo norte, pois é o único lugar do qual poderia seguir 10 Km para o sul, 10 Km para o oeste e estar a exatamente 10 Km de onde partiu.

O Batismo de Carlos

Fotos de Eldon Linschoten



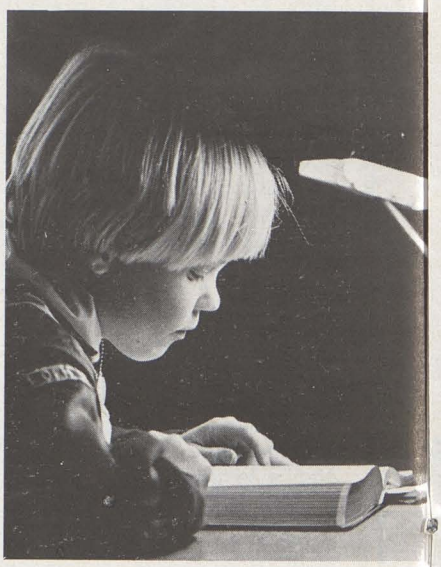
1 Carlos prepara-se para o batismo, freqüentando a Escola Dominical e Primária.





2 Ele vai também à reunião sacramental com sua família e amigos.





Ler as escrituras também ajuda Carlos a preparar-se.

3

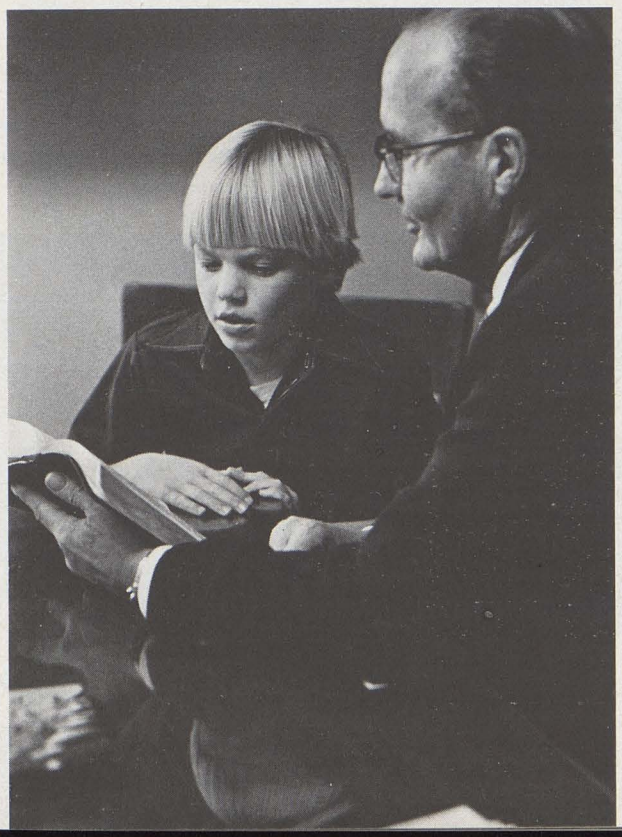


4 O aniversário de Carlos é comemorado durante a reunião familiar.

5 Os pais de Carlos conversam com ele sobre a importância desse seu aniversário especial e o que significa ser batizado.



Carlos conversa com o bispo sobre sua dignidade e desejo de ser batizado. 6





7 Ele também conversa com o Pai Celestial e faz uma particular oração para o seu batismo no sábado.



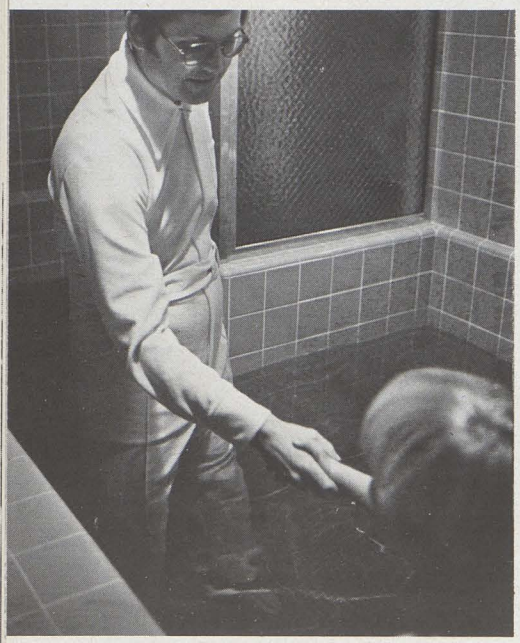
8

Na hora do batismo, Carlos fica sentado com o pai e alguns amiguinhos que também vão batizar-se. Todos devem estar vestidos de branco.

Depois do primeiro hino e oração, alguém fala sobre a importância do batismo.

9





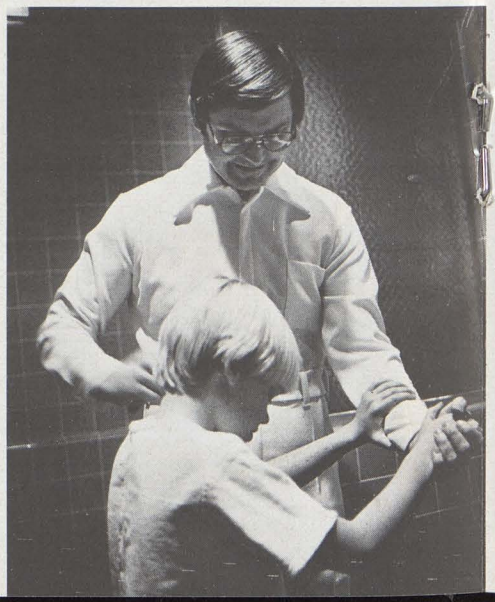
Quando chega a vez de Carlos, seu pai lhe mostra o que deve fazer.

10



11

Cada criança é ajudada a entrar na água pela pessoa que vai batizá-la.





12 Depois, seu pai levanta a mão em ângulo reto, ora e o batiza por imersão.





13 A família de Carlos está muito orgulhosa, principalmente o vovô e a vovó.



Depois de feito o batismo, Carlos e seu pai saem da pia batismal. Na próxima reunião de jejum, Carlos será confirmado um membro da Igreja e receberá o dom do Espírito Santo.

14

O CÍRCULO DE FOGO

Mabel Jones Gabbott

A notícia assustadora de que havia um incêndio na prisão, logo se espalhou entre os lamanitas na terra de Néfi. E muitos foram correndo ver o que havia acontecido a Léhi e Néfi, que deviam ser mortos nesse mesmo dia. Antes de serem presos pelos soldados, eles converteram oito mil lamanitas à igreja de Deus. Por causa de seu sucesso na pregação do evangelho, os missionários haviam sido jogados na prisão, ficando muitos dias sem comer.

Aquele era o dia em que os soldados iriam matar seus prisioneiros nefitas.

Aminadab, um nefita de nascimento que já pertencera à igreja de Deus, acompanhou os soldados e curiosos que corriam para a prisão. Chegando lá, ficaram assombrados, vendo Léhi e Néfi rodeados por um pilar de fogo. O calor era tão forte, que os lamanitas não podiam aproximar-se para agarrar os prisioneiros. E quando viram que Néfi e Léhi estavam no meio do fogo, mas não se queimavam, eles ficaram abobados de assombro.

Mesmo estando muito fracos, Léhi e Néfi tomaram coragem, quando perceberam que, devido a sua fidelidade, estavam sendo protegidos de seus inimigos. Falando valentemente aos lamanitas, disseram: "Não temais, pois eis que foi Deus quem vos mostrou esta maravilha... que não podeis lançar mão de nós para nos matar."

De repente, a terra tremeu, e uma grande nuvem de escuridão cobriu os que estavam ali. Eles ficaram sem se mexer de tanto medo, quando, vindo acima da nuvem, se ouviu uma voz, dizendo: "Arrependei-vos, arrependei-vos, e não procureis mais destruir meus servos, os quais enviei para vos anunciar boas novas.

"... quando ouviram essa voz, notaram que não era uma voz de trovão... mas ... uma voz maviosa, cheia de suavidade, semelhante a um sussurro que penetrava até o mais profundo da alma.



"E, apesar da suavidade da voz, eis que a terra tremeu fortemente, e as paredes da prisão novamente tremeram, como se estivessem para ruir por terra..."

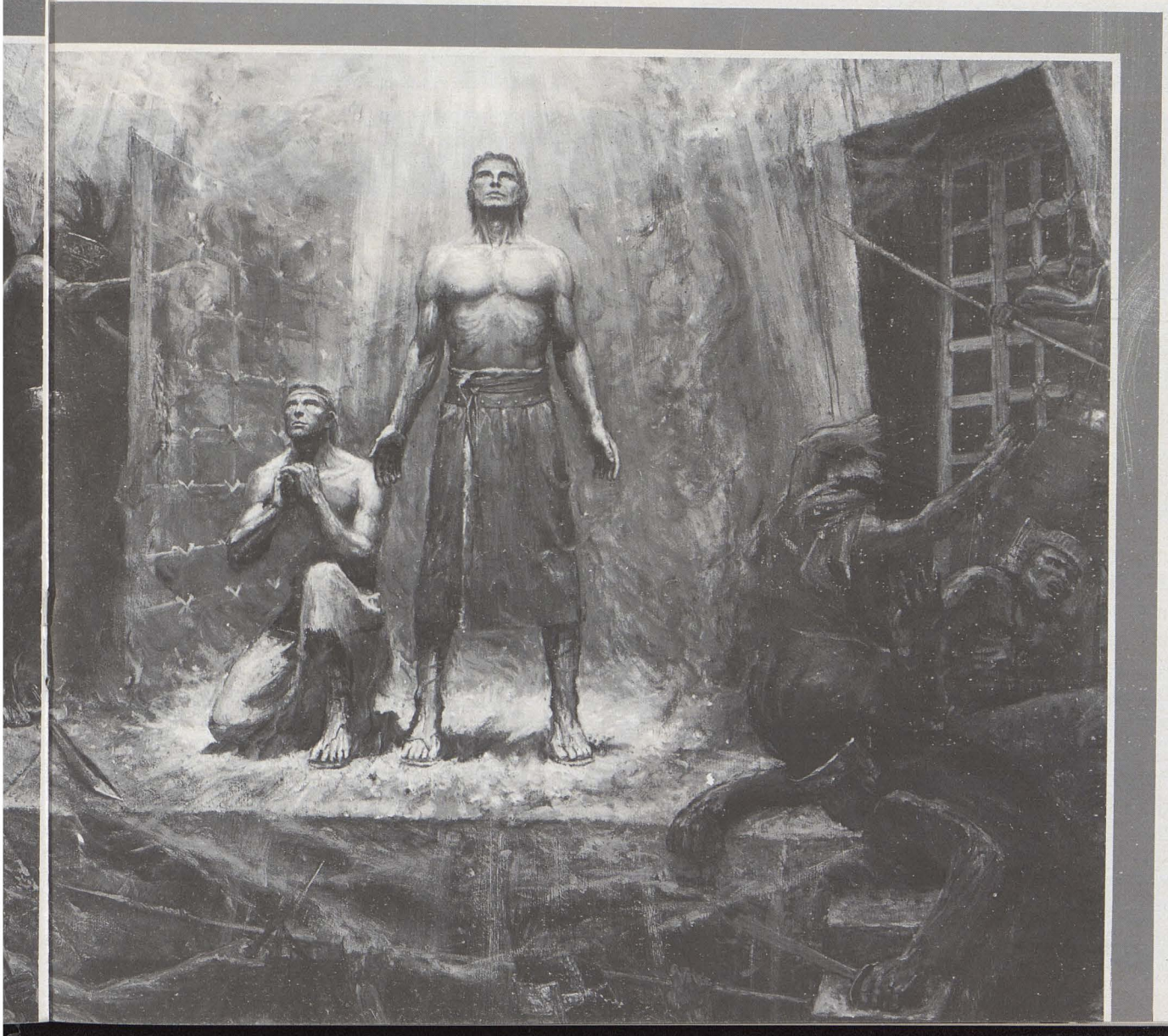
Por três vezes, ouviu-se a voz vinda da escuridão. E os lamanitas não conseguiam mover-se por causa do medo que sentiam. Então, virando-se, Aminadab viu os rostos de Néfi e Léhi brilhando intensamente através da nuvem de escuridão.

Aminadab mandou que o povo olhasse, acreditasse nas palavras de Néfi e Léhi, se arrependesse e cresse em Cristo. Os lamanitas clamaram humildemente ao Senhor com grande fé. Súbito, a nuvem de escuridão desapareceu, e eles também foram envolvidos pelo fogo.

"E eis que o Santo Espírito de Deus desceu do céu e penetrou em seus corações; e encheram-se como que de fogo, e puderam falar palavras maravilhosas.

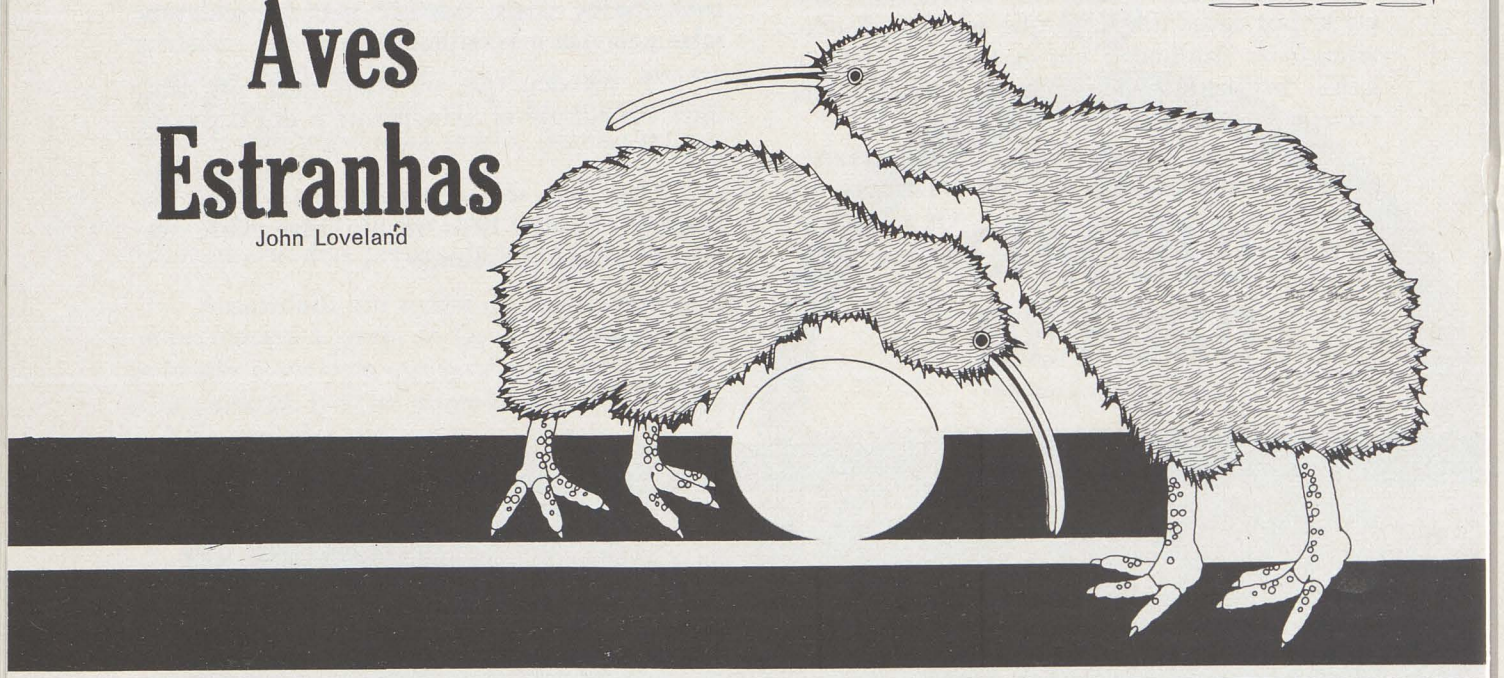
"E sucedeu que ouviram uma voz, sim, uma voz agradável, semelhante a um sussurro, que disse:

"Paz, paz seja convosco, em virtude de vossa fé em meu Bem-Amado, que existe desde a fundação do mundo."



Aves Estranhas

John Loveland



Num concurso de beleza para aves, o **kiwi** da Nova Zelândia seria logo desclassificado. Essa ave, de aparência esquisita, parece uma bola de futebol meio murcha coberta de pêlos; seu bico longo e fino, chega a lembrar a agulha usada para encher a bola e que alguém esqueceu de tirar. O habitat natural do **kiwi** são as florestas da Nova Zelândia.

Além de sua aparência estranha, o **kiwi** difere de várias maneiras das outras aves. Suas penas parecem pêlo castanho-embaçado, ele não tem cauda e não sabe voar. Debaixo de sua penugem sem graça, possui dois calombos arredondados onde nascem as asas dos outros pássaros, mas sem utilidade alguma para esse bicho engraçado. O **kiwi** é também a única ave com narinas na ponta do bico para farejar comida.

O **kiwi** adulto pesa mais ou menos um quilo e meio, o mesmo que um frango médio. Seu ovo chega a pesar meio quilo, sendo o maior de todos os ovos em relação ao tamanho da ave.

O beija-flor, a menor de todas as aves, leva de quatorze a dezesseis dias para chocar seus ovos. O período de incubação de um ovo de galinha é cerca de vinte e um dias. O avestruz é a maior ave do mundo, e tem que esperar uns quarenta e dois dias para seus ovos descascarem. E quanto tempo você acha que leva um ovo de **kiwi**? Nesse ponto, o **kiwi** mais uma vez faz jus à sua reputação de esquisito. Seu ovo tem de ser chocado durante cerca de setenta e cinco dias!

Mesmo se estivesse na Nova Zelândia, você provavelmente nunca veria um **kiwi,** a não ser no zoológico, é claro. Quando em liberdade, ele passa o dia no ninho, que é um buraco no chão. Costuma sair à noite, para procurar seu alimento favorito — vermes, insetos e bagas; seu bico fino e comprido é o instrumento perfeito para arrancar minhocas do chão.

Preparar uma Lição Artisticamente

Theo E. McKean

Quando eu era garotinho, as pinturas a óleo me intrigavam. Passava horas não só admirando como examinando cuidadosamente as pinceladas ainda visíveis na tinta endurecida. A maneira de misturar as cores e colocá-las uma ao lado de outra me fascinava particularmente.

Era excitante. Finalmente, ao ficar mais velho, não me pude conter mais. Eu simplesmente tinha que tentar!

Arranjei alguns apetrechos e então, uma noite, depois de todos estarem dormindo, aventurei-me a pintar.

Minha primeira tentativa foi copiar o quadro de uma bela paisagem. Pintei cuidadosamente o céu — inteirinho — com todos os detalhes. Procurei mesmo imitar as pinceladas do original. Quando **terminei** o céu, pintei a magnífica montanha, pincelada por pincelada! Depois as árvores — naturalmente uma a uma; a seguir o lago. E assim fui prosseguindo de cima para baixo, até pintar a última folhinha de capim no último espaço branco, bem no fim da tela.

Nada me impediria de despertar papai e mamãe para mostrar-lhes a "obra-prima".

Afinal, considerando tudo o que eu ainda **não** aprendera, até que minha obra não estava tão mal assim. Naquele estágio de meu desenvolvimento, não percebia que as cores refletidas pelo lago não combinavam com o colorido de que provinham, ou que a perspectiva e relações de tamanho estavam terrivelmente distorcidas.

Foi só quando me matriculei no curso de artes da universidade, que me dei conta de que os grandes artistas não produzem suas obras começando pelo alto da tela e prosseguindo sistematicamente até chegar embaixo. Em vez disso, eles visualizam claramente a imagem inteira que desejam reproduzir, e a seguir vão desenvolvendo todas as partes mais ou menos simultaneamente.

Acrescentando um traço aqui e outro ali, e aplicando um pouco de tinta aqui e outro acolá, finalmente vai emergindo uma composição equilibrada e coordenada.

O mesmo se dá com o ensino e aprendizado do Evangelho de Jesus Cristo.

Grandes Mestres

Os grandes mestres do evangelho não apresentam uma lição mecânica e inflexivelmente. Antes, formulam uma visão clara do que o aluno precisa aprender, o objetivo que deve ser alcançado. A maneira exata pela qual **cada** professor apresenta **cada** lição deve ser flexível. Isto permite que **cada** aluno harmonize **cada** verdade com seu próprio padrão de crescimento e progresso.



Os alunos não progridem simplesmente porque o professor os expõem à verdade, mas por absorverem, aceitarem e decidirem obedecer a ela. Assim como o artista é sensível às sutilezas do cenário em constante mutação que contempla, o professor tem que ter sensibilidade para com a infinita gama de necessidades e disposições de seus alunos.

Falando de sua própria maneira de ensinar, o Salvador disse: "Darei aos filhos dos homens linha por linha, preceito por preceito, um pouco aqui e um pouco ali; e abençoados os que ouvem os meus preceitos e escutam os meus conselhos, porque serão instruídos na sabedoria; pois a quem recebe, darei mais; aos que disserem: Temos o suficiente, destes será tirado ainda mesmo o que tiverem." (2 Néfi 28:30.)

Vemos, assim, que a porção de verdade apresentada pelo professor em dada situação, deve ser influenciada pelo grau de desenvolvimento e preparo existente no aluno.

Uma vez que nossa tarefa como professores exige tal flexibilidade, torna-se muito importante organizar a abordagem que empregaremos ao apresentarmos a lição. (Ver gráfico "Relacionamentos de Ensino/Aprendizado", **A Liahona,** abril de 1977, p. 28.)

Objetivos

Nossa preocupação inicial deve ser com o objetivo da lição específica que deveremos ensinar. "No ensino, temos u'a meta específica a alcançar, e precisa haver um plano. Temos que dar muita atenção aos objetivos.

"Felizmente a Igreja prepara muito bem os materiais didáticos. Os objetivos são cuidadosamente considerados, e os planos organizados de modo a tornar fácil formular objetivos, dando razoável atenção ao livro de lições." (**Teach Ye Diligently,** Boyd K. Packer, p. 119. Ver "Uso de Objetivos no Ensino", p. 27, para maiores informes sobre o assunto.)

Livros de lições

Toda lição escrita, ensinada e aprendida na Igreja, deve ter um objetivo. Na prática, esse objetivo precisa ser expresso em três diferentes níveis: um para o autor, um para o professor e outro para o aluno.

O objetivo da lição é usado primeiro pelo autor para guiá-lo na identificação, escolha e organização dos materiais didáticos em lição escrita.

O professor toma o objetivo fornecido na lição e usa-o como guia em sua preparação pessoal do assunto em questão. Ele precisa ser capaz de exprimir o objetivo em termos que sejam significativos na sua cultura, sua própria personalidade e necessidades gerais dos alunos.

Finalmente, a lição com um objetivo leva o aluno a entender um princípio que poderá aplicar em sua vida; quando o aluno torna o objetivo parte de suas metas pessoais, então a lição é proveitosa.

Contudo, os processos de ensino e aprendizado requerem esforço. Muitos anos atrás, deu-se este conselho na sessão da Escola Dominical de uma conferência geral da Igreja:

"Tanto o Profeta Joseph Smith como Oliver Cowdery foram abençoados com o dom de traduzir. Oliver o perdeu, e a revelação nos explica por quê. Ele achava que bastaria pedir a Deus, e a tradução se faria sem esforço da sua parte. Seu dom foi-lhe tirado por não querer esforçar a própria mente, ponderando a questão. Assim é com o professor... Tomai cada lição, ponderai-a, invocai as bênçãos de Deus sobre ela, e dai-lhe vosso melhor empenho; vosso dom crescerá; tereis sucesso." (Élder Horace Cummings, **Conference Report,** Outubro de 1902, p. 96.)

As vestes do nosso chamado

Na mesma conferência, o Élder James E. Talmage prosseguiu, dizendo:

"Houve referências a professores que não lecionam de maneira a causar impressão duradoura. Bem, alguma coisa depende das vestes do professor... Não me estou referindo ao corte do paletó, ao modelo do vestido ou às flores e ornamentos do chapéu, mas às vestes do espírito. Os professores têm que vestir o manto do seu chamado... ou jamais conseguirão causar a impressão necessária.

"Quando o manto de Elias caiu sobre seu sucessor, isto foi a manifestação de que o espírito de seu chamado era transmitido. Sem esse espírito, não conseguiremos coisa alguma. Por isso, meus irmãos, esforçai-vos, empenhai-vos, e o espírito de vosso chamado gerará o espírito da diligência — diligência temente a Deus, que trará consigo eficiência no trabalho para o qual fostes indicados.

"Meu coração saltou de alegria ao ouvir a voz de autoridade conclamando os professores a se prepararem pelo estudo e sério esforço para seu trabalho, não esperando que o Senhor faça tudo por nós... O Espírito do Senhor vem àquele que o busca." (Élder James E. Talmage, **Conference Report,** Outubro de 1902, p. 96.)

Flexibilidade de métodos

Ao refletir sobre a maneira de apresentar o princípio de nossa lição aos alunos, devemos esforçar-nos diligentemente e buscar a diretriz do espírito, a fim de usarmos sabiamente os materiais didáticos que nos são fornecidos.

O Presidente Ezra Taft Benson, do Conselho dos Doze, nos deu esta visão:

"Os propósitos do Senhor — os grandes objetivos — continuam os mesmos: a salvação e exaltação de seus filhos.

"Geralmente o Senhor dá os objetivos gerais a serem atingidos e algumas diretrizes, porém espera que elaboremos a maior parte dos detalhes e métodos. Os métodos e processos são geralmente desenvolvidos por meio do estudo e oração, e vivendo de forma a merecermos os influxos do Espírito. Pessoas espiritualmente menos avançadas, como nos tempos de Moisés, tinham que ser mandadas em muitas coisas. Hoje, os espiritualmente alertas procuram os objetivos, verificam as diretrizes estabelecidas pelo Senhor e seus profetas, e depois agem piedosamente — sem terem que ser mandados em todas as coisas. Tal atitude prepara os homens para a divindade.

"O objetivo supremo a ser alcançado no trabalho missionário, trabalho no templo, assistência aos necessitados e criação dos filhos em retidão, tem sido sempre o mesmo; o que tem variado são nossos mé-

todos para alcançá-lo. Todo membro fiel desta dispensação, independentemente da época em que viveu, poderia ter encontrado métodos justos para alcançar esses objetivos, sem ter que esperar pelo mais recente programa específico da Igreja.

"Às vezes, o Senhor aguarda esperançoso que seus filhos ajam por si, e quando não o fazem, eles perdem o prêmio maior, e o Senhor ou desiste inteiramente do assunto, deixando que sofram as conseqüências, ou então é obrigado a explicá-lo pormenorizadamente. De um modo geral, temo que, quanto mais tiver que explicar, tanto menor será nossa recompensa." (Conference Report, 5 de abril de 1965, pp. 121-122.)

Fazer o certo no momento certo

Como professores, somos chamados a ser "pescadores de homens" (Vide Jer. 16:16, Mateus 4:19) e temos que nos lançar à nossa designação com firme atitude quanto ao **que** precisamos para ensinar; porém, a respeito de **como** agimos em cada oportunidade de ensino, temos que continuar suficientemente flexíveis para lançar nossa rede no outro lado do barco, quando o Espírito assim mandar.

Agindo assim, poderemos levar multidões a Cristo. Mesmo que seja uma só alma, quão grande será a nossa alegria com ela no reino de nosso Pai! (Vide DeC 18:15-16.)

Uso de Objetivos no Ensino

Boyd K. Packer



Os professores são corretores de tempo. Agem como tal, assessorando grandes grupos de alunos no investimento sábio do tempo. Cabe-lhes a responsabilidade de cuidar de que todo aluno receba dividendos dignos de seu investimento.

Atuando como corretor do tempo de outra pessoa, considere isto:

Sempre é apropriada uma auditoria cuidadosa do emprego do tempo. Determine conscienciosamente o que espera conseguir com o tempo. Em outras palavras, tenha um objetivo.

Avalie cuidadosamente que idéias ou conceitos os alunos receberão como dividendos do tempo gasto. Eles, de um modo geral, retêm conceitos e princípios; raramente retêm fatos.

Selecione dos fatos disponíveis o bastante para ilustrar suas idéias. Escolha apenas fatos suficientes para transmitir as idéias, mas não tantos que as ocultem.

Inicie as aulas da Igreja de maneira eficaz. Um breve, impressivo período devocional é tempo sabiamente empregado preparando a mente dos alunos. Deve ser seguido imediatamente por alguma ação produtiva.

Determine qual será o lucro, se você monopolizar todo o tempo. É bem possível que o professor mais sábio seja aquele que concede aos alunos grande parte do tempo e os ajuda a gastá-lo sensatamente?

Controle o tempo **durante** a apresentação da lição. Vá progredindo regular e sistematicamente durante a lição, a unidade e o curso.

O professor ativo, eficiente, colhe dividendos dobrados em termos de alunos atentos, disciplinados. Lembre-se de que os alunos, como qualquer pessoa, relutam em seguir um professor desorganizado, desperdiçador de tempo.

A pontualidade é um atributo essencial do professor. É um fundamento, não um adorno.

Uma das mais eficientes técnicas de controle na sala de aula é dar ao aluno a impressão de que damos valor ao tempo dele. Cinco minutos gastos na chamada em cada aula poderão somar quatorze horas e dez minutos num ano escolar normal. O professor eficiente poderá facilmente reduzir esse tempo para uma hora e meia, uma redução substancial, se chamar um aluno para assisti-lo. Chamada, distribuição de papéis, atraso no início, burocracia desnecessária — roubam à classe comum provavelmente uns vinte por cento do tempo de ensino, mais horas na verdade que o tempo programado para muitos cursos universitários. Um professor de Escola Dominical pode estar gastando mais de quatro horas por ano fazendo a chamada...

Preparo da Lição

As lições do evangelho são essencialmente de atitude e comportamento. Os fatos são meros instru-

mentos ou equipamento necessário para estabelecer o sentido.

Administrar com eficácia o tempo de muitos indivíduos numa sala de aula, requer muito tempo de preparo da parte do professor. Os fatos da lição constituem a estrutura mecânica e são aprendidos pelo estudo comum.

O preparo mais sutil, digamos, o "acabamento", poderá ser feito enquanto estamos fazendo outra coisa qualquer. Enquanto cuida de uma tarefa manual, durante uma viagem, durante inúteis momentos de espera, o professor engenhoso fica preparando não só a lição de amanhã, mas também faz preparativos gerais para muitas lições futuras, observando a natureza e a vida, e orando.

Lembre-se de que o Salvador orava freqüentemente e recorria à meditação e observação, conforme indicam as parábolas e outros ensinamentos.

Grandes mestres sempre empregam o tempo sabiamente. Certo professor inspirado, ao ser cumprimentado por seu maravilhoso conhecimento literário com que embelezava as aulas, confessou haver memorizado a maior parte enquanto dirigia um arado. Outro que parecia dispor de um repertório inesgotável de ilustrações e histórias, admitiu que conseguira quase todo ele enquanto fazia alguma outra coisa.

A injunção escriturística: "entesourai em vossas mentes continuamente as palavras de vida, e na hora precisa vos será dada a porção que será medida a cada homem' (DeC 84:85), tem grande significância para os professores do Evangelho de Jesus Cristo. Mantenha sua mente constantemente ocupada, observando, meditando, orando e depois mantenha ao alcance de sua mão lápis e papel para registrar os pontos essenciais desse preparo, antes que se desvaneçam tão rápida e completamente como o próprio tempo. "Teachers, The Treasures of Time", cap. 30, pp. 216-220.)

No ensino, temos uma meta específica a alcançar, e precisa haver um plano. Temos que dar muita atenção aos objetivos. Felizmente, a Igreja prepara muito bem os materiais didáticos. Os objetivos são cuidadosamente considerados, e os planos organizados de forma a tornar fácil formular objetivos, dando razoável atenção ao livro de lições.

Visão Geral

Sempre considerei proveitoso dar ao aluno uma visão geral do curso inteiro, para começar. Depois de dispor dessa visão geral do curso ou assunto, o professor poderá voltar atrás e fornecer os pormenores, ensinando assim muito mais...

Assim, os alunos saberão aonde estão indo e colherão informações ao longo do caminho. O curso terá muito mais sentido para eles. Em outras palavras, eles terão um objetivo em mente...

Permitir que Vejam o Plano

Se estivesse construindo um edifício de escritórios ou um centro de compras, eu faria questão de que todos os trabalhadores empregados na obra vissem uma cópia das plantas. Talvez alguns dos planos detalhados e especificações só interessassem aos operários especializados. Não obstante, eu faria todo mundo ver um esboço do prédio, para que tivessem uma idéia de como vai ficar. Assim, ficariam sabendo pelo menos um pouquinho sobre como o seu trabalho se enquadra no todo...

Objetivos Definidos

Ao preparar qualquer lição, o professor sábio terá em mente objetivos definidos. Decidirá de antemão o que pretende ensinar e por que quer fazê-lo. Por exemplo, é possível dar uma aula de história da Igreja sobre o martírio de Joseph Smith e a sucessão de Brigham Young como seu presidente, sem qualquer aplicação perceptível à vida do aluno. Entretanto, se o professor estabeleceu objetivos definidos, conseguirá tornar a aula significativa para os alunos.

É importante que as lições sejam aplicadas a nós.

"Falei-lhes, portanto, dizendo: Escutai as palavras do profeta, vós que sois remanescentes da casa de Israel, um ramo que foi arrancado; escutai as palavras do profeta que foram escritas para toda a casa de Israel e **aplicai-as a vós mesmos,** para que tenhais esperança, assim como têm vossos irmãos, de quem fostes separados; e assim escreveu o profeta. (1 Néfi 19:24, grifo nosso.)

E Daí?

A menos que a mensagem seja aplicada a nós mesmos, os jovens, particularmente, não vêem muito sentido nela. A juventude, por exemplo, muitas vezes encontra dificuldade em ver o relacionamento entre o que aconteceu no Velho ou Novo Testamento, ou na história da Igreja e os dias atuais. Se a lição for dada usando a técnica de comparação, torna-se mais fácil perceberem a aplicação em suas vidas.

Certo professor tinha um teste "E daí?", que usava no preparo de toda lição. Imaginava mentalmente um dos alunos perguntando: E daí? Então, procurava encontrar uma explicação por que o ensinamento ou lição era válido para o tempo atual, modificando tanto sua preparação como o modo de apresentação.

Se conseguirmos ligar o passado ao presente, poderemos modificar a vida dos jovens de maneira positiva.

É de grande proveito para um professor — seja na classe, na família, num sermão ou discurso — formular o objetivo mediante esta pequena fórmula.

No espaço em branco, escreva algo que você quer que os alunos façam com respeito ao que ensinou.

Por exemplo, suponha que esteja ensinando moças adolescentes, e a lição é sobre a restauração do sacerdócio. A fórmula poderia ser preenchida mais ou menos como segue:

Título da lição:	Restauração do Sacerdócio.
Objetivos:	Mostrar que o sacerdócio foi restaurado por mensageiros celestiais devidamente autorizados.
A Fim de Que:	As moças incentivem os rapazes com quem convivem a darem alta prioridade à freqüência regular à reunião do sacerdócio.

Depois de pensar a respeito disso, você dirá coisas diferentes na classe do que faria de outro modo.

Você terá algo que as moças podem fazer para aplicarem a mensagem da lição.

Isto nos traz à **atualidade.** Você mencionará na aula algo sobre os rapazes com quem as moças convivem. Debaterá como a jovem pode incentivar um rapaz a freqüentar a reunião do sacerdócio. Com isso, a lição abordará condições e exemplos da vida real, e não apenas história.

Por outro lado, o professor poderá seguir o livro de lições, apresentar corretamente os fatos históricos e ainda assim as moças continuarem ali sentadas numa atitude de o-que-tenho-eu-com-isso? Se acrescentar esse "A FIM DE QUE" à sua lição, em alguma parte da apresentação você irá mencionar coisas de interesse para os alunos...

... convém que o professor comece pelo mundo dos alunos, e em seguida os conduza cuidadosamente para o alto do monte, onde lhes possa mostrar novos mundos que ficam além.

Em 1938... o Presidente J. Reuben Clark Jr. falou a respeito do tema "O Curso da Igreja na Educação", expondo... de maneira quase escriturística, os objetivos dos que lecionam na Igreja.

"A Igreja é o sacerdócio organizado de Deus; o sacerdócio pode existir sem a Igreja, mas esta não existe sem o sacerdócio. A missão da Igreja é: primeiro, ensinar, incentivar, auxiliar e proteger o membro individual em seu empenho de levar uma vida perfeita, temporal e espiritualmente, conforme estabelece o evangelho; 'Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus', disse o Mestre; segundo, a Igreja deve suster, ensinar, encorajar e proteger, temporal e espiritualmente, a congregação coletivamente na vivência do evangelho; terceiro, a Igreja deve proclamar militantemente a verdade, conclamando todos os homens ao arrependimento e a viverem em obediência ao evangelho, pois 'todo joelho se curvará e toda língua confessará'.

"Em tudo isto, há para a Igreja e cada um e todos os seus membros, duas coisas primordiais que não podem ser descuidadas, esquecidas, obscurecidas ou descartadas:

"Primeiro: Que Jesus Cristo é o Filho de Deus, o Unigênito do Pai na carne, o Criador do mundo, o Cordeiro de Deus, o Sacrifício pelos pecados do mundo, o Expiador da transgressão de Adão; que foi crucificado; que seu Espírito abandonou o corpo; que morreu; que foi sepultado; que no terceiro dia o seu espírito voltou ao Corpo, tornando-se novamente um ser vivente; que ressurgiu do sepulcro como um ser ressurreto, um Ser perfeito, as Primícias da Ressurreição; que mais tarde ascendeu ao Pai; e que, por causa de sua morte e através de sua ressurreição, todo homem nascido no mundo, desde o princípio será igual e literalmente ressuscitado. Esta doutrina é tão antiga quanto o mundo. Jó declarou: 'E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, o verão.' (Jó 19:26-27.)

"O corpo ressurreto é um corpo de carne e ossos, e espírito; Jó falou uma grande e eterna verdade. Esses fatos positivos e todos os demais que necessariamente implicam, precisam ser acreditados sinceramente, com toda fé por todo membro da Igreja.

"A segunda coisa em que todos devemos ter plena fé é: Que o Pai e o Filho de fato, em verdade, e realmente, apareceram ao Profeta Joseph Smith numa visão no bosque; que se seguiram outras visões celestiais a Joseph e outros; que o Evangelho e o Santo Sacerdócio Segundo a Ordem do Filho de Deus foram de fato e em verdade restituídos à terra da qual haviam sido retirados pela apostasia da Igreja Primitiva; que o Senhor voltou a estabelecer a sua Igreja pela instrumentalidade de Joseph Smith; que o Livro de Mórmon é exatamente o que professa ser; que o Profeta recebeu numerosas revelações para diretriz, edificação, organização e incentivo da Igreja e de seus membros; que os sucessores do Profeta, igualmente chamados por Deus, têm recebido revelações de acordo com as necessidades da Igreja, e que continuarão a recebê-las, à medida que a Igreja e seus membros, vivendo as verdades que já têm, tiverem necessidade de mais; que esta é em verdade a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; e que suas crenças fundamentais são as leis e princípios expostos nas Regras de Fé. Esses fatos também, sem exceção, juntamente com todas as coisas necessariamente neles implícitos ou decorrentes deles, devem conservar-se inalterados, inabaláveis, sem atenuação, escusa, justificações ou fugas; não suportam subterfúgios ou ocultações. Sem essas duas grandes crenças, a Igreja deixaria de ser a Igreja.

"Todo indivíduo que não aceitar a plenitude dessas doutrinas quanto a Jesus de Nazaré ou à restauração do Evangelho e Santo Sacerdócio, não é um santo dos últimos dias; as centenas de milhares de homens e mulheres fiéis, tementes a Deus, que compõem a grande congregação da Igreja, crêem nessas coisas plena e completamente; e sustentam a Igreja e suas instituições por causa dessa crença.

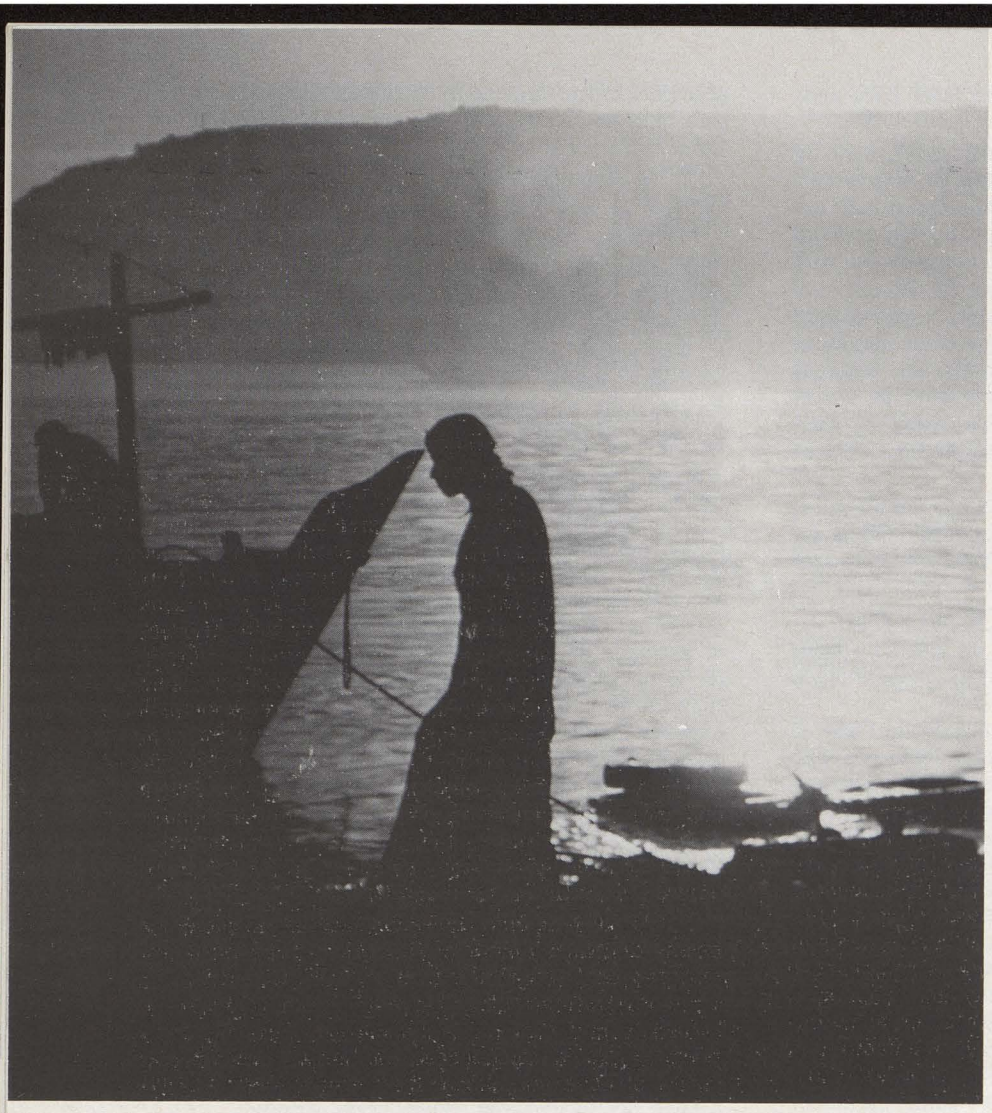
"Expus esses pontos por serem a latitude e longitude da atual posição e localização da Igreja, tanto neste mundo como na eternidade. Conhecendo nossa real posição, podemos mudar nosso rumo, se preciso; podemos novamente traçar nosso verdadeiro curso. E aqui seria bom lembrar-se do que disse Paulo:

" 'Mas ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho, além do que já vos tenho anunciado, seja anátema.' " (Gál. 1:8.)

Este pronunciamento do Presidente Clark, falando em nome da Primeira Presidência, é para mim a carta posicional dos professores da Igreja. Jamais deixo passar um ano sem relê-lo cuidadosamente. Todo professor na Igreja deveria lê-lo por inteiro...

Que possamos todos, na qualidade de pais e professores na Igreja, seguir o salutar conselho e sabedoria dados aqui, e assim melhorar nosso ensino de importantes princípios evangélicos. ("Objectives", cap. 18, pp. 119-122, 125-129.)

"Extraído do livro *Teach Ye Diligently*, de autoria do Élder Boyd K. Packer. Copirraite, 1975, Deseret Book. Usado com permissão."



EM BUSCA DA TRILHA DE LÉHI

Lynn M. e Hope A. Hilton
Fotos de Gerald W. Silver

Pôr do sol na praia, em Salala.
Desta baía onde Néfi pode ter construído seu navio, continuam zarpando barcos de pesca.

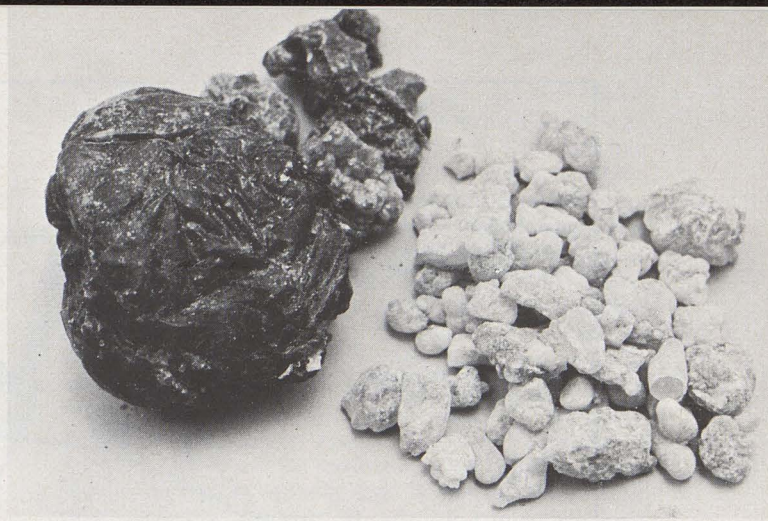
ABUNDÂNCIA

Fomos grandemente abençoados em nosso empenho de obter vistos para Salala em Dhofar. (Ver ilustração 7) Nosso pedido de vistos feito meses antes nos Estados Unidos, havia sido recusado polida, mas firmemente. Sendo um território disputado por Omã e Iemen, Dhofar não era lugar seguro para turistas. Quando chegamos a Mascate, Omã, procuramos o ministro de Informações, um moço que falava inglês fluentemente, explicando-lhe que viéramos da longínqua América para ver as grandes árvores de Salala, porque tínhamos um livro que fala de uma família semita que construiu um barco, talvez com aquelas árvores, a fim de navegar para a América, onde seus descendentes se tornaram os índios americanos. Ele se mostrou assombrado:

— Salala é minha terra e lá existem árvores enormes, mas nunca ouvi falar dessa história.

Concordou em nos fornecer passes para a zona de luta, se lhe trouxéssemos cartas de apresentação da Embaixada dos Estados Unidos em Mascate. Conseguimos as tais cartas. Devido à tensa situação militar, deveríamos ir de avião num dia e voltar no seguinte. Naturalmente, foi desapontador poder passar só vinte e quatro horas em Salala, porém concordamos alegremente. Posteriormente, soubemos que um dia antes de nossa chegada a Mascate, o comandante das forças rebeldes rendera-se ao sultão de Omã, terminando assim treze anos de hostilidades. Por isso, dois dias após nossa chegada em Omã, o ministro de Informações se dispôs a nos dar um passe para a zona de litígio.







À esquerda: Figueiras sicômoro — em Salala, o único local na costa sul da Arábia onde árvores atingem porte suficiente para fornecer madeira. Altos, à direita: Mirra — o objeto grande, escuro — resina seca da planta do mesmo nome; os objetos mais claros são resina do olíbano. Há milênios, ambas vêm sendo queimadas como incenso nos templos do Oriente Médio, incluindo o templo israelita em Jerusalém. Baixos, à direita: Em toda a costa sul da Arábia, somente Salala recebe as pesadas chuvas das monções, permitindo que coqueiros e outras plantas tropicais cresçam luxuriantes, atingindo a altura destas palmeiras.

"Ficamos imensamente contentes quando chegamos à praia", disse Néfi, e demos o nome de Abundância a esse lugar, devido a seus muitos frutos e também ao mel silvestre que lá encontramos; e todas essas coisas foram preparadas pelo Senhor, a fim de não perecermos. E vimos o mar, ao qual chamamos Irreântum, palavra que, interpretada, quer dizer muitas águas.

"E aconteceu que assentamos nossas tendas na praia." (1 Néfi 17:5-6.)

Néfi regozijou-se com a chegada a Abundância, e nós ao chegarmos a Salala. Toda nossa pesquisa anterior à partida dos Estados Unidos, levara-nos a concluir que aquela minúscula região, o único lugar em toda a linha costeira meridional de dois mil e duzentos quilômetros, com precipitação suficiente para o crescimento de qualquer espécie de árvores, era de fato a antiga Abundância do relato de Néfi. (Ver ilustração 10.) Sentimos todo o impacto da antiga história — tão vividamente como nunca antes — ao andarmos pela praia na qual Néfi talvez haja explicado o Velho Testamento a seus irmãos, contando os milagres que permitiram a saída dos filhos de Israel do Egito; onde Néfi pode ter testificado sua fé nos milagres que o Senhor realizaria, para levá-los, como descendentes do povo de Moisés, para a Terra da Promissão, do outro lado do mar. (1 Néfi 17:23-32, 49-51.)

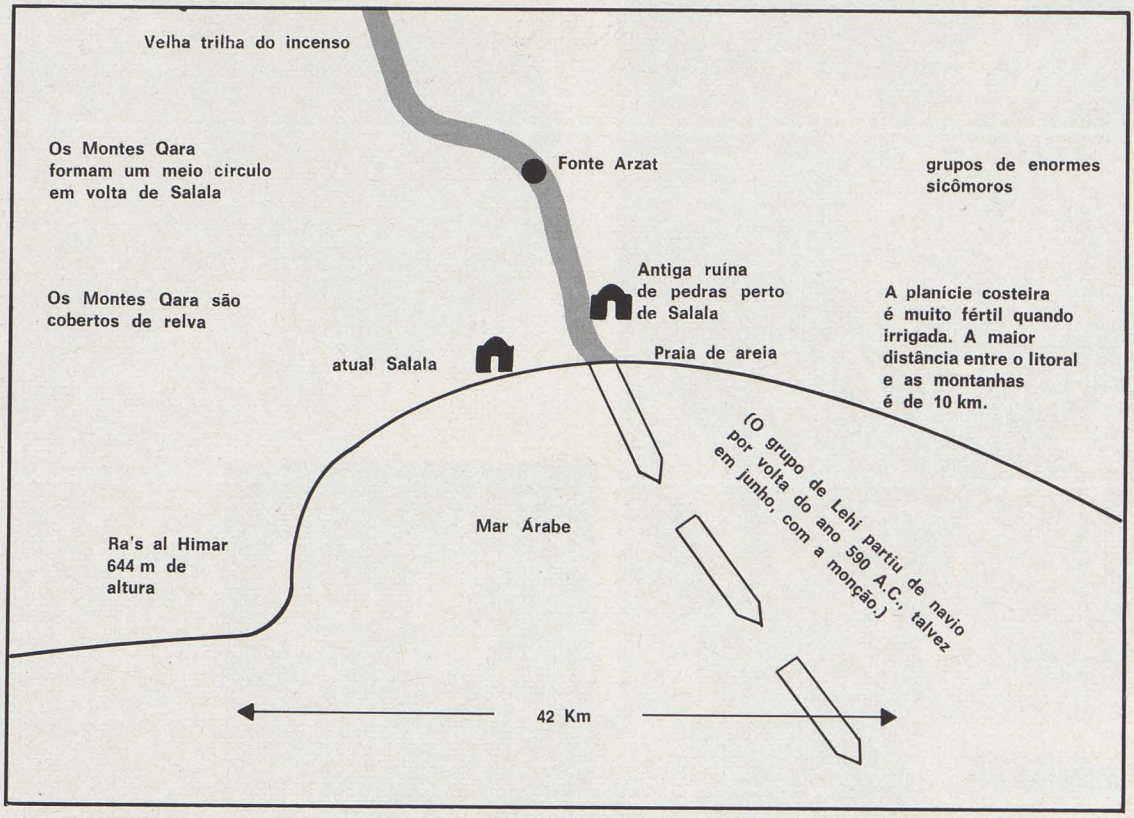


Ilustração 10. Salala, Omã (provável Abundância.)

A antiga estrada do incenso, depois de atravessar a planície de areia e cascalho, passa por cima dos montes Qara ao norte, e desce para a planície costeira (em forma de meia-lua) de Salala, que tem 12 km no ponto mais largo. Essa pequena planície é abraçada pelos montes Qara, cujas vertentes sul se apresentam cobertas de vegetação que sobrevive graças a precipitações trazidas pelas monções que tocam unicamente esse ponto em toda parte da costa meridional da península árabe.

Diversos uades desembocam na planície costeira. Ein Arzat teria sido um local lógico para o acampamento de dois a três anos, que permitiria à pequena colônia tempo para preparar provisões e construir o barco. Se quisesse, Léhi poderia ter usado água de nascente para irrigar as culturas; e como Néfi menciona especificamente "muitos frutos" e "sementes" entre as provisões, eles devem tê-los obtido em Abundância. (1 Néfi 18:6.)

Se nossa conclusão de que Salala é Abundância for correta, a colônia de Léhi logicamente não estava lá sozinha, pois era o fim da rota do incenso onde cresciam os pés de olíbano. Portanto, devia haver agricultores, mercadores, estalagens, lojas etc. Além dos caravaneiros, deveria haver também marinheiros e navios, pois Salala era igualmente um porto. Acredita-se que barcos do oeste, norte e leste — até mesmo da Judéia — chegavam a esse pequeno e movimentado porto.

Ao norte dos Montes Qara, não nas vertentes meridionais bem aguadas, estendem-se vastos campos de pés de olíbano, produtores do incenso. A planície costeira de Salala apresenta vegetação exuberante, sendo irrigada pelos diversos uades; no resto, é tão árida quanto grande parte do sudoeste americano. As vertentes das montanhas são cobertas inteiramente com capim, que chega à cintura, e maciços de grandes figueiras-sicômoro. Nosso guia armado de rifle assegurou-nos que, durante a estação das monções, os vales ficam imersos em névoa e chuva, e a vegetação se torna luxuriantemente tropical. Abelhas silvestres se atarefam entre as flores igualmente silvestres que cobrem as montanhas. Vimos colmeias metidas quase que descuidadamente em troncos ocos.

Uma interessante confirmação de que o clima não mudou muito nos últimos dois mil anos em Dhofar, é nos fornecida pelo autor do **Periplus,** que diz: "A terra do incenso [(Dhofar) é] montanhosa e amedrontadora, envolta em pesadas nuvens e nevoeiro, e produz incenso das árvores." (The **Periplus,** p. 33.) Exploradores que nos precederam encontraram condições semelhantes: Bertrand Thomas descreveu, na década de 1920, os "uades densamente arborizados" **(Arabia Felix,** New York: Charles Scribner's Sons, 1932, p. 100) e Wilfred Thesiger fala de "matagais... e nas colinas, grandes figueiras [que] se alteiam sobre capinzais ondulantes, qual carvalhos num parque inglês". (Thesiger, p. 47.)

Ficamos intrigados por ele falar em figueiras, pois estas são de porte relativamente reduzido e produzem madeira bastante mole — absolutamente inadequada para construção de barcos. Ao percorrermos pessoalmente esses montes, vimos não se tratar de figueiras, mas de figueiras-sicômoro, uma árvore de madeira-de-lei que produz um fruto doce. Algumas dessas árvores eram enormes, a ponto de não conseguirmos abraçar o tronco com nossos braços, sendo que a maioria atinge quinze metros de altura. A madeira é muito rija, resistente à água do mar e praticamente isenta de nós. Até hoje a madeira da figueira-sicômoro é usada na construção de navios.

Se Salala for de fato Abundância, Néfi não exagerou ao dar-lhe esse nome, pois é realmente muito fértil. A terra literalmente explode de vida ao contato da água, e os agricultores locais nos asseguraram que conseguem dez colheitas de alfafa ao ano. Observamos um florescente mercado potencial de frutas — limão, lima, laranja, tâmara, banana, uva, damasco, coco, figo e melão — e uma profusão de flores silvestres. O jasmim pende em guirlandas das árvores, e a brisa é perfumada pelas flores. Gado pastava nas colinas. Nos terrenos bem irrigados, o capim ultrapassava nossa cabeça — tinha mais de um metro e oitenta.

Para qualificar-se como Abundância, uma das características adicionais que o local deveria apresentar, eram penhascos dos quais os irmãos mais velhos de Néfi ameaçaram lançá-lo "nas profundezas do mar" (1 Néfi 17:48), o que seria difícil de realizar a partir de uma praia. Para o leste, o litoral se curva tão longe a vista consegue alcançar, mas para o oeste, a praia de Salala termina abruptamente em magníficos penhascos, que se erguem verticalmente trinta metros acima do mar. Escalamos o topo por um fácil caminho e lá encontramos fortificações com plataforma para peças de artilharia. A visão das ondas revoltas lá embaixo nos fez recuar assustados. Em nossa mente, atroava a pergunta: Teria Néfi sido ameaçado pelos irmãos ali mesmo ou noutro local semelhante das proximidades?

Assim, nossas perguntas a respeito das sementes, frutas, mel silvestre, penhasco e madeira própria para construção de embarcações estavam satisfeitas; porém, restava ainda um ponto: Onde Néfi teria arranjado minério para fazer ferramentas? Sabendo que se aproximava a hora estipulada para deixarmos Salala, não tínhamos tempo para perambulações pelas montanhas; mas o povo local falou-nos de uma mina de ferro na província vizinha. Mesmo que não houvesse minério mais próximo no tempo de Néfi, ele poderia ter feito a jornada de dez dias até Jabal Al Akhdar para buscar minério. Entretanto, achamos que Néfi, provavelmente, descobriu sua própria mina por inspiração do Senhor, em lugar de procurar uma estabelecida, pois ele diz ter feito fogo atritando duas pedras e que fez um fole de peles para avivar as chamas. (1 Néfi 17:10-11.) Sem dúvida, ele não necessitaria improvisar tal equipamento básico, se os moradores locais tivessem uma fundição. Especulamos o que ele teve ter aprendido nos aldeamentos ao longo do litoral, e da indústria metalúrgica que florescia em Aqaba, quando por lá passou anos antes. Não podíamos duvidar de que os contemporâneos de Néfi sabiam trabalhar o ferro. Isaías 54:16 descreve como o ferreiro produzia aço a partir de minério ferroso, usando fogo de carvão. Tubalcaim, neto de Adão, foi o primeiro mestre metalúrgico registrado ainda no alvorecer da história da humanidade. (Gên. 4:22.) Seis referências no Livro de Mórmon mostram que os nefitas usavam ferro e aço na América. Ver 2 Néfi 5:15, Jar. 8; Mosiah 11:3,8, Éter 7:9, 10:23.) Sem dúvida, Néfi transmitiu esse útil conhecimento a seus filhos e netos.

Permitimo-nos uns poucos momentos de devaneio, imaginando como seria a embarcação construída por Néfi. Acostumados aos métodos industriais, fomos repetidamente surpreendidos pelas tradições artesanais que encontramos ao descer o litoral, pois observamos cada geração herdando o conhecimento de gerações anteriores. Em Yanbu, na Arábia Saudita, perguntamos a um construtor de barcos onde estavam seus planos; ele apontou para a cabeça. Tinha em sua mente planos suficientemente detalhados para determinar as medidas da embarcação que estava fazendo, para como fixar as nervuras na quilha e cobri-las com pranchas, sem qualquer diagrama escrito.

Observamos dois métodos básicos de construção de barcos nos estaleiros que visitamos em Djidda e Salala. Em ambos, o artesão montava primeiro a quilha e depois fixava nesta as nervuras. As nervuras eram feitas sempre de galhos, cuja curvatura proporcionasse o ângulo desejado. As pranchas eram presas ao esqueleto por meio de pregos ou "costura". No primeiro método, o construtor furava a prancha e nervura com um arco de pua. No furo, introduzia um grande prego de ferro envolto em cânhamo embebido de óleo abaixo da cabeça grande. Na parte interna, a ponta do prego era dobrada para mantê-lo no lugar.

No método de "costura", o artesão faz uma série de furos na junção das pranchas, para depois amarrá-las firmemente com corda de cânhamo e calafetá-las. As pranchas são fixadas às nervuras da mesmo forma. Ficamos intrigados que este método seja usado somente no Iemen e Omã, sendo aparentemente muito antigo. O método de pregos é usado em Yanbu e Djidda, Arábia Saudita.

Néfi, é lógico, não construiu o navio "pelo método dos homens" mas "pelo modo que o Senhor" lhe mostrou. (1 Néfi 18:2.) Esse exame de antigos métodos de construção de embarcações serve apenas para ilustrar que o fato de Néfi haver conhecido técnicas de construção não seria extraordinário nem improvável. Ele fez o navio numa região em que tal coisa era comum. De fato, ainda que o navio de Néfi não fosse feito "pelo método dos homens", provavelmente usou alguns sistemas e elementos de feitios conhecidos do povo de seu tempo.

Néfi podia ter derrubado pessoalmente as árvores e arrastado-as até a praia, com o auxílio de camelos; ou então comprar madeira já aparelhada do povo local. Ele não diz como arranjou a madeira, porém comenta que, depois de terminado, o navio era "bom e... o trabalho... extremamente bem executado." (1 Néfi 18:4.)

Calculamos que, com o nascimento dos filhos, a colônia de Léhi deve ter contado no mínimo com quarenta e nove pessoas na época do embarque — dezessete adultos e trinta e duas crianças, estimando uma média de quatro filhos para cada um dos sete casais, mais os dois filhos nascidos a Léhi e Sariah (José e Jacó), e mais os dois filhos de Ismael, nascidos antes da partida de Jerusalém (1 Néfi 7:6.) Logicamente as famílias poderiam ter tido mais filhos, elevando o número de pessoas para sessenta e cinco, mais ou menos. Para acomodar um grupo tão numeroso, calculamos que o navio deveria ter no mínimo uns dezoito metros de comprimento. Nos estaleiros que visitamos, observamos várias embarcações desse tamanho sendo construídas artesanalmente e sem qualquer planta escrita. Além das pessoas, o navio tinha que levar ainda suficientes frutas, carne, mel, outras provisões, sementes, tendas e pertences pessoais necessários à colônia. (1 Néfi 18:6.) Um navio de dezoito metros não teria sido tão grande; numerosas embarcações de um só mastro e vela latina que atualmente singram o Oceano Índico e Mar Vermelho, chegam a cinqüenta e quatro metros de comprimento, e são construídas totalmente à mão. O navio de Néfi possuía certamente um amplo convés, pois somos informados de que os irmãos e suas esposas se divertiam no navio cantando e dançando (1 Néfi 18:9.) Teria sido impossível dançar, se a embarcação fosse apenas de nervuras e pranchas. O navio de Néfi tinha provavelmente velas e um leme ou outro dispositivo de manobra, pois Néfi diz que dirigiu o navio. (1 Néfi 18:22.)

Perguntamos a um mestre de estaleiro quantos dias de trabalho levava a construção de um navio de dezoito metros. Ele calculou que os trinta e cinco homens que empregava poderiam fazê-lo em quarenta e cinco dias, isto é, um total de mil quinhentos e setenta e cinco homens-dia. Pelo menos parte do tempo, Néfi contou com o trabalho de oito homens da colônia de seu pai, e talvez de algumas crianças, particularmente as dos filhos casados de Ismael que então deviam estar na adolescência. Trabalhando em conjunto, poderiam haver terminado uma embarcação assim em cerca de cento e noventa e sete dias de trabalho. Naturalmente, se o navio era maior, como bem pode ter sido, precisariam de mais tempo. A esses, falta somar os dias do Sábado, os feriados judaicos e aqueles em que Néfi labutou sozinho, antes de os outros começarem a colaborar. Assim sendo, é fácil compreender por que a construção do navio pode ter levado de dez a doze meses, no mínimo. Presumindo que nem todos os homens trabalhassem no barco o tempo todo — devido a doença, assuntos familiares, caça, cultivo da terra, colheita etc. — é bem mais provável um tempo de construção de mais de um ano. Além disso, como Néfi teve que fundir o ferro, fazer as ferramentas e provavelmente aparelhar a madeira, é possível que o projeto de construção tenha ocupado acima de dois anos.

Na verdade foi um milagre que Néfi, provavelmente nascido e criado em Jerusalém, tenha conseguido construir um navio capaz de transportar tanta gente com segurança em tão longa viagem. Sua nação experimentou uma armada no tempo de Salomão, porém Hirão de Tiro fornecera-lhe marinheiros experientes. (1 Reis 9:26-27.) Em Juízes 5:17 faz-se referência a alguma experiência de marinhagem das tribos de Dã e Aser, mas a maior parte do litoral marítimo estava em poder dos fenícios e filisteus — limitando, assim, a experiência dos hebreus. Quando o Rei Josafá, de Judá, procurou reativar a indústria naval em Aqaba, setenta anos depois de Salomão, os navios foram destruídos antes mesmo de conseguirem zarpar. (2 Crôn. 20:35-36; 1 Reis 22:48-49.) Os hebreus tinham pouca prática em coisas do mar.

Em Salala, confirmamos igualmente o importante fato de que as monções, que fornecem aos montes Qara a chuva vivificante durante o verão, provêm igualmente uma rota comercial marítima. Conforme provam os registros náuticos, de outubro a maio os ventos alíseos sopram do nordeste; de junho a setembro, do sudoeste. (Ver ilustração 11)

Centenas de anos antes de Léhi, já se usavam navios ao longo da costa sul da Arábia, e é inquestionável que os árabes exploraram centenas de quilômetros da linha costeira. Porém, o primeiro registro que pudemos encontrar de alguém navegando por mar aberto, é do primeiro século depois de Cristo, quando Hippalus, navegador romano, sendo informado pelos árabes sobre os ventos alíseos, abriu nova rota comercial do Mar Vermelho até a Índia. ('Geography: Romans" **Encyclopaedia Britannica,** 1971, 10:146.) "Foi uma descoberta sensacional, e logo os povos da região viajavam descendo o litoral da Arábia, atravessavam o Estreito de Ormuz, cruzavam o Oceano Índico ao longo de Hadramaut, entrando a seguir no Mar Vermelho ou descendo o litoral da África Oriental', valendo-se da força desses ventos constantes. ('Ghost Ships", p. 26; ver também **Oman in Colour,** Inglaterra: Ministério de Informação e Turismo, Sultanato de Omã, 1974, p. IV.)

Por volta do século VI A.D., empresários árabes cobriam com seus veleiros de um mastro toda a distância da península arábica até a China. Barcos

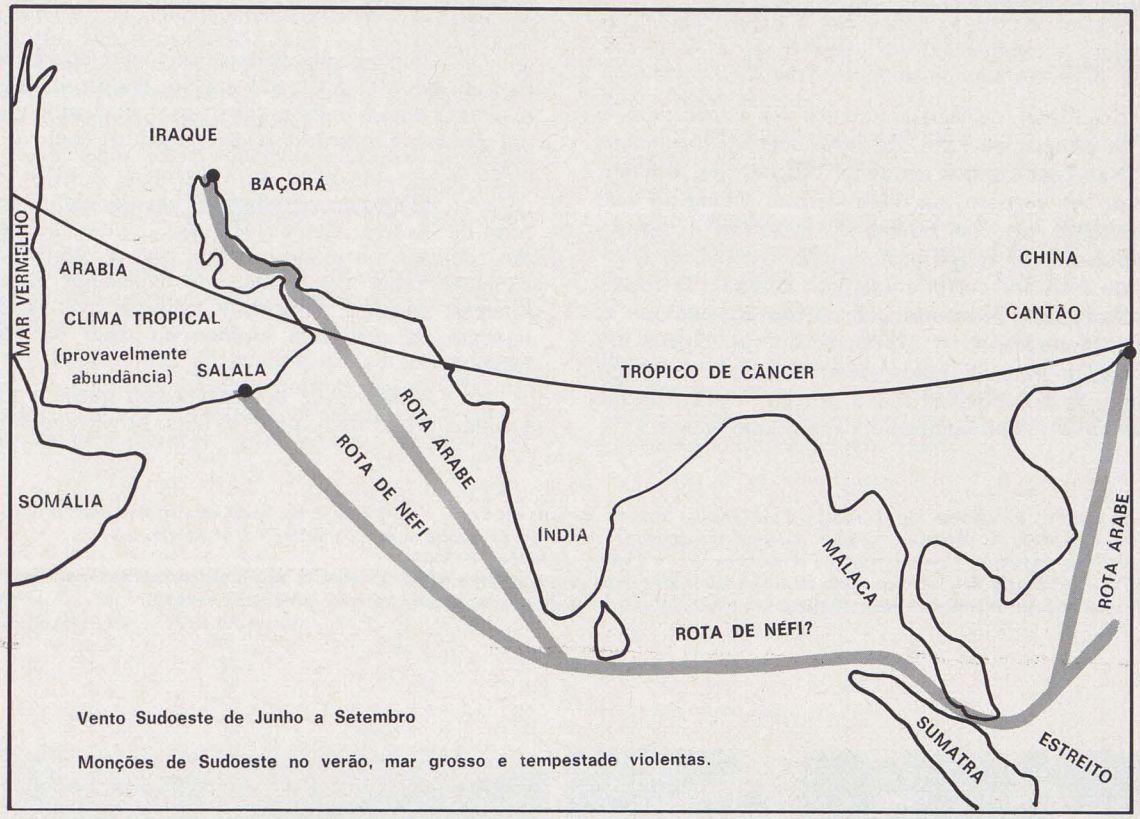


Ilustração 11. Antiga rota marítima árabe e possível rota do navio de Léhi.

MONÇÕES: (No século VIII A.D., no reinado do Califa Mausur, veleiros árabes corriam com os ventos alíseos de Basra, Iraque, até o Estreito de Málaca, atravessando o Oceano Índico, subindo depois até Cantão, na China, em cento e vinte dias de navegação. Partiam em junho, com os ventos vindos do oeste.
A viagem de Néfi até a América representou três vezes a distância de Basra a Cantão; assim, a travessia de Abundância até a América pode ter levado mais ou menos um ano,)

árabes eram levados pelas monções à Costa de Malabar, Índia, dali para Ceilão em tempo de apanhar as monções de verão (junho a setembro), a fim de cruzar céleres o freqüentemente traiçoeiro Golfo de Bengala, passando pelas Ilhas Nicobar, pelo Estreito de Málaca e entrar no Mar da China Meridional. (Ver ilustração 11.) De lá, podiam dar uma rápida, se bem que arriscada escapada de trinta dias até o grande entreposto comercial, em Cantão, na China. A viagem da Península Arábica até a China levava aproximadamente cento e vinte dias de navegação ininterrupta, ou seis meses contando as paradas para aprovisionamento ao longo do caminho. (Nancy Jenkins, "The China Trade" **Aramco World Magazine,** julho-agosto 1975, 26:24, 26-27.)

Ao emergirem do Estreito de Málaca, os veleiros às vezes saíam totalmente da rota, carregados pelo vento, acabando no Oceano Pacífico, onde, "acrescentavam os chineses, o sorvedouro do oceano mundial sugava o marinheiro incauto para o olvido". ("The China Trade", p. 27.)

Todos esses registros datam de pelo menos quinhentos anos depois de o grupo de Léhi deixar a Arábia; contudo, a existência de navegação costeira e das monções, pode ter sido a combinação de eventos que capacitaram Néfi, inspirado pelo Senhor, a encetar a viagem ao desconhecido, tomando uma rota que só foi seguida outra vez cinco séculos mais tarde. Se os marinheiros da época levavam cento e vinte dias de navegação para cobrir o trajeto da Arábia à China, Néfi precisou provavelmente de doze a quinze meses para vencer a distância três vezes maior entre a Arábia e a América. Essa viagem é um grande testemunho de fé e coragem, e um enorme tributo

ao navio de Néfi. Que grande história não resta contar!

Conclusões

No litoral de Salala, cremos ter encontrado o fim da jornada de Léhi, de Jerusalém até Abundância. Não descobrimos nenhuma contradição, nenhum absurdo no registro que Néfi deixou. Nada do que descobrimos em compêndios de geografia e história contradisse esse antigo profeta. Pelo contrário, o relato de Néfi foi corroborado por dezenas de fontes de informação, provando que apenas alguém que lá esteve pessoalmente e experimentou os rigores da jornada, poderia ter apresentado as assombrosas minúcias que mesmo dois mil e seiscentos anos depois concordavam aparentemente com o que vimos.

Embora sejam de natureza hipotética e apenas altamente prováveis, eis aqui algumas de nossas conclusões:

1. A península arábica pela qual seguiu a rota de Léhi em 600 A.C., não era um deserto desabitado, mas uma região onde muitos povos haviam elaborado um preciso e precário relacionamento com a terra árida.

2. O incenso produzido em Salala, Omã, no Mar da Arábia, desde 1500 A.C., pelo menos, era tão cobiçado no mundo antigo, que se estabeleceram extensas rotas comerciais. O constante fluxo de homens, camelos, notícias e riquezas evitava o isolamento da península arábica do resto do Oriente Médio.

3. Milhares de pessoas faziam quase a mesma jornada até Salala como a feita provavelmente por

Alto, à direita: Estaleiros em Djidda. Este grande veleiro de um mastro e vela latina está sendo construído com pranchas fixas e nervuras de madeira, usando apenas ferramentas manuais. O mestre tem as plantas na memória. Barcos desse tamanho fizeram viagens históricas até a China, Zanzibar e Índia.
Embaixo, à direita: Há séculos vêm sendo construídas em Salala embarcações como esta; sua construção mediante "costura" resiste muito bem, mesmo no mar aberto. Na maior parte da Arábia, entretanto, usam-se pregos de ferro.







Léhi. Suas experiências, registradas em antigos documentos e na menos compreensível evidência de pictografias, poços cavados a mão, e bem preservadas tradições, confirmam que a jornada não foi fácil. A proteção do Senhor foi um elemento necessário ao sucesso do pequeno grupo de Léhi.

4. Cremos ter encontrado razoável evidência para sugerir o Uade El Afal, na Arábia Saudita, como o Vale de Lemuel, e Salala, em Omã, como Abundância.

5. Não houve quase nenhuma modificação, se é que houve, nas condições climáticas e geográficas desde os dias de Léhi.

6. Léhi muito provavelmente adotou o estilo de vida dos nômades árabes durante os anos de sua jornada, incluindo o costume de viver em tendas e a maneira de encontrar água, alimento e transporte.

7. Certas formas de arte dos índios sul e norte-americanos tiveram sua provável origem entre os povos semitas da Arábia; ou possivelmente ambas as culturas hajam derivado suas formas artísticas de alguma fonte comum.

8. Enquanto viajavam para o sul, Néfi provavelmente tomou contato com minas de ferro e construção de navios.

9. Ainda resta muita coisa de útil para os santos dos últimos dias, a ser aprendida dos registros acumulados pelos árabes e suas tradições.

Nossa experiência fez-nos sentir como nunca antes a autenticidade do relato do Livro de Mórmon. Percebemos a proteção do Senhor e sua orientação em nossas andanças, e aguardamos com fé e entusiasmo futuras descobertas que hão de testificar da grandiosa obra de Joseph Smith.

Na extremidade ocidental da Baía de Salala, altos penhascos erguem-se do mar. Este poderia ser o local de onde os irmãos de Néfi tentaram lançá-lo nas "profundezas do mar" (1 Néfi 17:48); e provavelmente foi desta baía que o grupo de Léhi zarpou para a terra prometida.





Élder Faust seguido por Élder Perry, chegando para a reunião



Élder Perry em seu discurso traduzido pelo presidente Antonio C. Camargo

Élder Tom Perry Fala aos Jovens em São Paulo

O Instituto Regular e o Seminário das Estacas de São Paulo, Santos e Campinas receberam a visita do Élder Tom Perry, do Conselho dos Doze, no dia 24 de maio de 1977, que proferiu palestra na capela da ALA I, da Estaca São Paulo Leste, às 20 horas, para cerca de 1.500 pessoas, entre jovens e adultos. A capela estava lotada, o salão cultural e os corredores.

Élder Faust, que acompanhava o Apóstolo Perry, foi o primeiro orador. Recomendava a todos, mais uma vez, que perseverem no propósito de prepararem-se para receber as ordenanças no nosso templo, que em breve estará concluído, e das bênçãos advindas de um casamento feliz.

Élder Tom Perry saudou a grande congregação com a alegria e o entusiasmo que lhe são peculiares. Suas palavras foram dirigidas particularmente aos jovens, lembrando-lhes a responsabilidade que têm no trabalho do Senhor.

Acentuou que o Senhor nos abençoa e magnifica nossas oportunidades, quando seguimos o seu caminho.

Narrou de uma maneira muito peculiar a história de três jovens personagens das Escrituras: José do Egito, Mórmon e Joseph Smith, que tinham dezessete, dezesseis e quatorze anos, respectivamente, quando o Senhor os chamou para confiar-lhes grandes revelações e tarefas bastante difíceis.

Cada um dentro de sua própria época destacou-se pela obediência, fidelidade e coragem de guardar os mandamentos e conduzir e orientar um povo.

Seguindo o raciocínio dessa analogia, o Élder Perry declarou que o Senhor também chamou cada um dos nossos jovens para realizar o seu trabalho e espera que eles sejam líderes no seu reino, e acrescentou:

"— Ele espera que vocês estejam imbuidos do mesmo espírito dos antigos líderes. Seguindo o Evangelho de Jesus Cristo, prevenindo os nossos amigos e vizinhos e magnificando seus chamados. O Senhor os abençoará enchendo sua alma com alegria e felicidade."

Concluiu dizendo que o Senhor ainda dirige os afazeres da humanidade e se seguirmos suas leis, muita paz e alegria nos serão dadas.

A Igreja no Mundo

Algo de novo vem acontecendo na cidade de Veneza, Itália, famosa por seus canais, pontes e gôndolas. São os missionários mórmons e os novos conversos ao Evangelho. No dia 17 novembro de 1976, o presidente da Missão de Pádova, Itália, enviou dois missionários para pregar o Evangelho aos habitantes das ilhas do Mar Adriático.

O primeiro passo foi colocar cópias do Livro de Mórmon nas três principais bibliotecas públicas e da universidade, para que as pessoas interessadas pudessem saber sobre os mórmons, de quem vez ou outra ouvem falar na televisão, e também o endereço do ramo mais próximo.

Os élderes andam pela cidade nas "calles" ou passeios de pedras que às vezes têm somente 90 cm de largura, ou cruzam o grande canal em gôndolas ou lanchas que os levam às ilhas que não são ligadas por pontes.

NOTÍCIAS DO TEMPLO

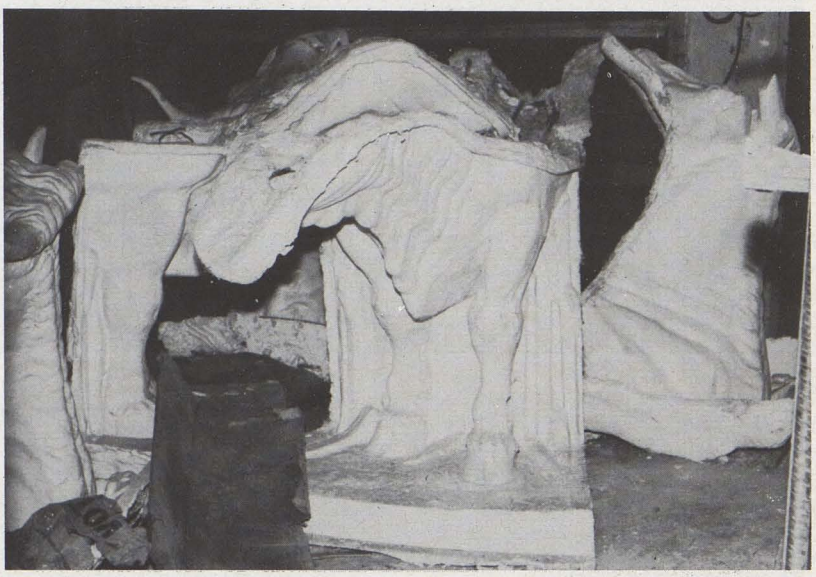
A pia batismal é a última novidade na construção do nosso templo. O material empregado nesse trabalho é o mesmo usado nas placas que estão revestindo as paredes externas do edifício: concreto coberto por pedriscos de mármore misturado ao cimento branco.

Uma junta de doze bois será acoplada à grande bacia redonda. Os bois, em três modelos diferentes, serão agrupados de dois em dois e quatro em quatro. Depois de construído, a impressão causada é que os bois estão sustentando a bacia, mas na verdade eles estão apenas encaixados nela.

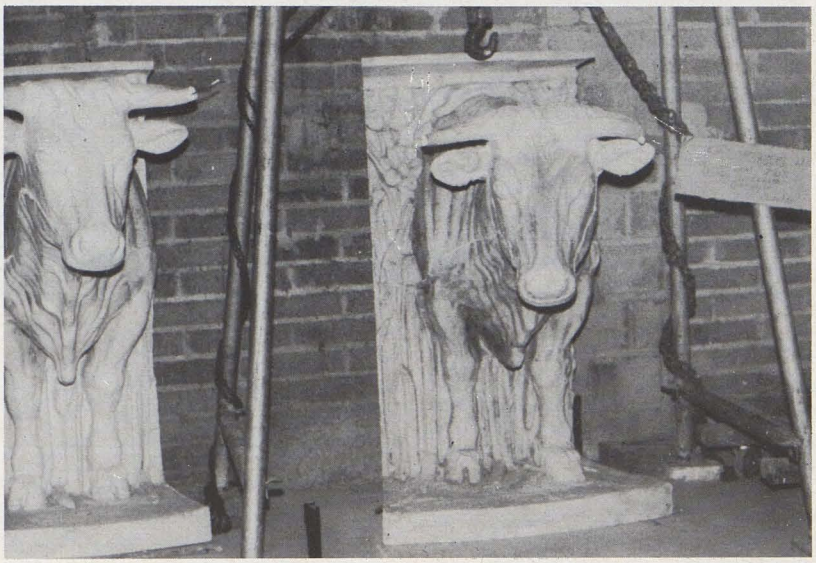
O maquinário especialmente desenhado e construido por fábricas especializadas já está entregue e aguardando a ocasião de ser instalado: o quadro geral de força, o equipamento de ar condicionado, as máquinas de lavar e secar, que cuidarão das roupas exclusivamente usadas para o trabalho no templo.

As instalações elétricas e hidráulicas já estão quase concluídas e a estrutura do prédio dentro de alguns meses estará terminada, restando o acabamento que será um pouco mais demorado.

E assim, a cada dia que passa, esse grande sonho há muito acalentado pelos membros sul-americanos, se converte em alegre realidade.



Moldes de gesso para fundir os bois da pia batismal



Parte do revestimento da pia batismal já fundida acoplada a um boi

Ramo de Moema Inicia Construção da Capela

O Ramo de Moema, em São Paulo, iniciou no dia 4 de junho, às 8 horas da manhã, a construção de sua capela na Avenida Sabiá, 600.

O presidente Melvin W. Tejiamulia, seus conselheiros e o comitê de construção local, após a oração, retiraram a primeira pá de terra.

Também as mulheres participaram alegremente desta ocasião, preparando sucos e saborosos lanches para o pessoal do Sacerdócio que atuou ativamente na enxada e picareta.

Durante todo o dia que precedeu a cerimônia da abertura de terra, reinou entre os membros um clima alegre e descontraido, mas num espírito de devoção e gratidão pela grande bênção de poder erguer uma casa de oração que será dedicada ao Altíssimo.

Estaca São Paulo Leste Anuncia Modificações

Foi realizada no dia 15 de maio de 1977, às 10 horas da manhã, a conferência trimestral da estaca São Paulo Leste, presidida pelo Representante Regional, Antonio Carlos de Camargo.

O presidente Demar Stanicia abriu a sessão, dando as boas vindas a um grande número de pessoas presentes. Na ocasião ele se despediu da sua congregação e anunciou que estará ausente do país durante seis meses. Irá para Salt Lake com a família, onde fará um curso sobre genealogia para usá-lo futuramente no Templo de São Paulo. Também o segundo conselheiro, José Alvaro da Costa Borba, se despediu da congregação tendo sido desobrigado de sua função para um novo chamado, desta feita para gerente de área dos centros de distribuição da América do Sul, cuja sede será na Argentina, para onde partirá juntamente com a família, fixando residência em Buenos Aires. Para assumir seu lugar junto à presidência da estaca foi chamado o Bispo Eduardo A. S. Contieri.

Durante a ausência do presidente Stanícia, seu primeiro conselheiro irmão Rodamés Sceppa, auxiliado pelo novo segundo conselheiro e um membro do Sumo Conselho ainda a ser designado, responderá pela presidência.

No Sumo Conselho foi desobrigado Milton Cenko, e João Capezutti Netto, secretário financeiro. Foram ainda apoiados para esse mesmo quadro os irmãos Mario Linares, Carlos Roberto Fusco e Carlos Alberto Roberto Soares.

No bispado da Ala I, em virtude do novo chamado do bispo Contieri, um novo bispo foi ordenado para essa função, José Perez Gonçalves Filho, e como conselheiros os irmãos Lauro Kawai e João Capezutti Neto.

O tema da conferência foi amor, jovens e trabalho genealógico para o nosso templo.

Os oradores oficiais foram presidente Stanícia, presidente Sceppa e o Representante Regional Antonio Carlos de Camargo. Os testemunhos foram do presidente Contieri, da irmã Sandra Stanícia, que se despediu para acompanhar o marido a Salt Lake e de dois missionários que retornavam da missão, Élder Davi e Élder Bonetti.

A solenidade se encerrou com a brilhante participação do coro que há quase dois anos tem sido o orgulho dessa estaca.

Firmes, Marchai!

Um Presente de Páscoa



Aqueles que me conhecem sabem que não choro por um motivo qualquer, mas há ocasiões em que é tamanha a felicidade espiritual que não se pode conter as lágrimas.

Meu amor ao próximo aumentou muito em minha missão, e tem aumentado ainda mais nesse pouco tempo que me resta.

Em toda a vida, devido às grandes dificuldades financeiras que enfrentaram meus pais para sustentar os filhos, dificilmente recebíamos um presente. Mas sei que por ter sobrepujado aqueles dias difíceis sem reclamar, agora chegaram as recompensas.

No domingo de Páscoa de 1976, ao retornarmos da Escola Dominical na Ala de São Leopoldo, alguém bateu à porta de nosso quarto; meu companheiro atendeu; era um jovem diácono de 12 anos a quem eu muito estimava. Ele entrou em nosso quarto com as mãos para trás. Depois de ter olhado a todos os seis Élderes presentes, dirigiu-se a mim, estendendo as mãos com um pacote e disse:

"Este é um presente para meu irmão mais velho com muito amor". O gesto foi seguido por um terno abraço que me fez chorar comovidamente. Este fora o meu primeiro presente de Páscoa e eu era o último missionário que havia chegado naquela Ala.

A outra recompensa ocorreu na Páscoa seguinte, em 1977, em Passo Fundo, onde presidia o Ramo temporariamente.

Logo após a Escola Dominical, entrou na sala da presidência, onde me encontrava, uma querida irmãzinha de apenas nove anos. Aproximou-se de minha mesa e beijou-me afetuosamente na face, entregando-me uma cestinha com votos de Feliz Páscoa, contendo coisas que ela mesma confeccionara.

Mais uma vez eu fora escolhido entre dezenas de pessoas e também era recém-chegado. E novamente chorava, tocado pelo amor.

Sei que este é o Evangelho de Jesus Cristo e sou muito feliz e abençoado por estar servindo nessa missão que tão logo se encerrará. E você, jovem, que for para o campo missionário, terei grande prazer em ouvir suas gloriosas experiências.

Élder Onivaldo Covo
Missão Brasil Porto Alegre

Presidente Leal
dirige
a conferência



Estaca São Paulo Sul Realiza XXV Conferência Trimestral



Coro de jovens,
momentos
antes da conferência.

No domingo, 22 de maio, os santos da Estaca São Paulo Sul reuniram-se em duas magníficas sessões de conferência, na capela da Rua Catequese, sob a presidência do Élder L. Tom Perry do Conselho dos Doze. Dada a limitada capacidade da capela, foram realizadas duas sessões; uma pela manhã, com início às 10,00 horas, reunindo os membros da Ala Santo André I, São Bernardo I e II e o Ramo de Diadema, e outra no período da tarde, com início às 15,00 horas, reunindo as alas de Santo André II, Ala de Mauá, Ala de São Caetano e Ramos de Vila Prudente e de Santo André III. Em ambas as sessões a freqüência foi das melhores com as dependências da capela literalmente tomadas. Presidente Leal, dirigindo a conferência, as boas-vindas aos presentes e após os reconhecimentos iniciou a sessão matutina. As mensagens dirigidas aos santos em ambas as sessões foram inspiradoras e com muitos ensinamentos. Presidente Leal fez uma analogia das condições sociais ao tempo de Nosso Salvador Jesus Cristo e da atualidade dizendo: "Em muitos aspectos a situação social daquele tempo é idêntica aos tempos atuais. Jesus procurou solucionar estes problemas, tocando o coração das pessoas, e a solução dos problemas estava em aceitar a Deus e o Evangelho." Presidente Almeida ressaltou a importância da preparação dos jovens para o casamento no templo e o Presidente Marques, presidente sênior do quorum dos setentas, do Programa Siga. Ocuparam também o púlpito o Presidente e Sister Beitler, ambos prestando os seus testemunhos do valor da obra missionária. Élder L. Tom Perry foi o último orador de ambas as sessões da conferência. Recomendou aos membros que guardassem os mandamentos e se preparassem para se tornarem dignos de receber a recomendação para o templo. Citou muitos dos itens que o bispo perguntará ao membro por ocasião da entrevista e fez a promessa de que se vivermos perto do Salvador, a nossa vida será próspera e feliz. Um dos pontos altos da conferência, foi a excelente música oferecida pelo coral da estaca, composto na maioria de jovens. Apresentaram números muito lindos contribuindo consideravelmente para a reverência mantida na conferência.

